



Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

UC/FPCE — 2016

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas consequências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares.

Liliana Marques (e-mail: Liliana.marques22@hotmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, Subárea de Especialização em Psicopatologia e Psicoterapias Dinâmicas, sob a orientação do Professor Doutor Joaquim Eduardo Nunes Sá.

“Sempre que acreditamos, os milagres acontecem. E aquilo que falta a quem quer (e não pode) é um «vai, que eu olho por ti». Alguém que, algures na nossa vida, nos tenha dado a suprema bondade de acreditar naquilo em que acreditamos, e de querer o que nós queremos, que transforma o querer em poder.”

(Eduardo Sá,

“Chega-te a mim e deixa-te estar”)

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas consequências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares.

O presente estudo tem como objetivo perceber se o impacto sentido pelos adolescentes é maior relativamente às transformações da puberdade ou à ocorrência de determinados acontecimentos de vida, e também avaliar de que forma é que a ocorrência dos referidos acontecimentos de vida afeta, ou não, o modo como os adolescentes percebem a vinculação aos pais e aos pares.

Desta forma, recorre-se a um estudo exploratório transversal, com uma abordagem de natureza quantitativa. Para tal, administrou-se um protocolo de investigação composto por: i) um consentimento informado, assinado pelos responsáveis legais dos adolescentes; ii) um questionário sociodemográfico; e iii) duas escalas de autorresposta: o IAVA e o IPPA.

A primeira escala foi construída a propósito desta investigação e é dividida em duas partes diferentes. A primeira parte é relativa unicamente à ocorrência dos acontecimentos de vida em estudo, ao passo que a segunda parte se refere ao impacto dos acontecimentos de vida e das transformações da puberdade.

A segunda escala pretende avaliar a qualidade da vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares na adolescência, tendo em conta comportamentos cognitivos e estados emocionais sentidos pelo adolescente, que se referem à confiança, compreensão, respeito mútuo e acessibilidade/responsividade dessas figuras, que resultam na vinculação ou isolamento relativamente às mesmas (Armsden & Greenberg, 1987).

A amostra é constituída por 120 adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos.

Os resultados obtidos na presente investigação evidenciam a importância da exploração desta temática, na medida em que os adolescentes inquiridos referem sentir-se mais afetados pelos acontecimentos de vida do que pelas transformações da puberdade. Por sua vez, a ocorrência de determinados acontecimentos de vida parece estar associada à percepção de vinculação sentida pelos adolescentes relativos às suas figuras de referência: pai, mãe e amigos.

Palavras-Chave: Adolescência, puberdade, transformações pubertárias, acontecimentos de vida, acontecimentos de vida potencialmente negativos, vinculação.

Life Events in Adolescence: exploratory study about the impact of Adolescence life events and its consequences in adolescents' perceived attachment to their parents and peers.

The aim of the present study is to understand which of these has a higher impact on adolescents: the changes in puberty or the occurrence of certain life events. Another goal is to evaluate how the occurrence of those life events affects the way teens perceive attachment to parents and peers.

This is a transversal and exploratory study with a quantitative approach. For this reason, the investigation protocol is composed by: i) informed consent signed by the teens' legal guardians; ii) sociodemographic questionnaire and iii) two self-answered scale: IAVA and IPPA.

The first scale was purposely made for this study, and it is divided in two different parts. The first part regards the occurrence of the life events we intend to study, and the second part regards the impact of the life events and the impact of puberty transformations.

The second scale intends to evaluate the quality of the perceived attachment to parents and peers during adolescence, having in mind cognitive behaviors and emotional states felt by the adolescent, which refers to trust, comprehension, mutual respect and accessibility/responsiveness of the attachment figures, and results in the attachment or alienation adolescents' perceive about them (Armsden & Greenberg, 1987).

The sample is composed by 120 adolescents, with ages varying between 12 and 18 years old.

The results obtained in this study reveal the importance of exploring this theme. In fact, the adolescents' responses showed they felt more affected by the life events than they did about puberty transformations. On the other hand, the occurrence of certain life events seems to be associated with the adolescents' perceived attachment to their reference figures: father, mother and peers.

Key-words: Adolescence, puberty, puberty transformations, life events, potentially negative life events, attachment.

Agradecimentos

Ao *Professor Doutor Eduardo Sá*, por me ter ensinado que “desabotoar o coração” do ser humano é uma tarefa complexa, que requer trabalho, tato e atenção. Que devemos ler nas entrelinhas para conhecer as pessoas por dentro. Grata pelo conhecimento partilhado, pela empatia e pelo suporte a conclusão deste percurso.

Ao *Professor Doutor Manuel Geada*, pelo contributo fulcral que deu asas a parte desta investigação. Pela disponibilidade e generosidade, mas acima de tudo pela sabedoria que partilhou comigo.

Ao *Agrupamento de Escolas Martinho Árias de Soure*, pela acessibilidade com que me receberam sempre e por me terem permitido a recolha da amostra desta investigação. Aos *adolescentes* que preencheram os questionários, porque vocês são o verdadeiro motor da minha investigação.

À *Tânia*, por ser a minha pessoa, a minha companheira de todas as horas, e por termos feito esta caminhada a quatro pés. Ao *Bernardo*, por me ter dado a mão que me deu a força que faltava. Aos dois, por não me terem deixado desistir e terem sido fundamentais nesta etapa.

Aos *meus pais*, por sempre me terem dado asas para voar e serem a minha maior âncora nesta viagem. Por me terem inculcido todos os valores que fazem de mim aquilo que sou, e por nunca me deixarem desistir de ser feliz e de lutar pelos meus sonhos.

Ao *meu irmão*, pelo amor desmedido e inexplicável, e acima de tudo por despertar em mim a felicidade autêntica e genuína de ser criança.

À *minha avó*, por acreditar incondicionalmente em mim e por ser um pilar fundamental em todas as jornadas da minha vida. Ao *meu avô*, que me continua a guiar de onde eu já não consigo ver. Aos dois, por serem muitas vezes a minha força para não desistir.

À *minha família*, aos que acreditaram e sonharam comigo, porque esta conquista também é vossa, e aos que não acreditaram, porque sem saberem, deram-me ainda mais força de vontade para ser mais e melhor.

À *Margarida Alves*, por ter confiado e investido em mim e no meu trabalho, que me permitiu suportar o último ano.

À *Su*, à *Ju* e à *Carlota*, pelo apoio incondicional em todas as jornadas e em todos os desafios. Por serem colegas e amigas exemplares, e por me mostrarem que o que é verdadeiro prevalece acima de tudo.

À *Lena* e à *Juliana*, por serem o melhor que levo da faculdade e da vida inteira. Por serem minhas irmãs de coração, não há palavras que descrevam o quanto me acrescentam. Sem vocês não faria sentido.

À *Ana Rita*, à *Filipa* e ao *Miguel*, que torcem por mim e são responsáveis por grande parte daquilo que sou. Que relativizaram, tantas vezes, a distância, e que foram e serão sempre os meus maiores alicerces.

Aos *meus amigos*, por serem a família que escolhi e muitas vezes mais do que isso. Por terem perdoado as minhas ausências, os cafés e os encontros em que não estive presente, e ainda assim estarem na fila da frente a aplaudir todas as minhas conquistas como se fossem vossas.

A *todos* os que contribuíram para que este sonho fosse possível, estarei grata para sempre.

Índice de Abreviaturas

AV – Acontecimentos de Vida

AP – Acontecimentos da Puberdade

APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

CPCJ – Comissão de Proteção de Crianças e Jovens

IAVA – Impacto dos Acontecimentos de Vida na Adolescência

IAVA-AV – Impacto dos Acontecimentos de Vida na Adolescência – (Ocorrência de) Acontecimentos de Vida

IAVA-AAV – Impacto dos Acontecimentos de Vida na Adolescência – Afetação (Impacto) dos Acontecimentos de Vida

IAVA-AP – Impacto dos Acontecimentos de Vida na Adolescência – Afetação (Impacto) da Puberdade

IPPA – Inventário de Vinculação aos Pais e Pares

Índice

Introdução.....	1
I. Enquadramento conceptual.....	2
1.1. Adolescência.....	2
1.2. Evolução histórica do conceito de adolescência.....	2
1.3. A Puberdade e as transformações corporais	4
1.3.1. A puberdade nas raparigas	5
1.3.2. A puberdade nos rapazes.....	6
1.4. A relação com os pais e com os pares na adolescência	6
II. Estudo empírico.....	8
2.1. Introdução	8
2.2. Objetivos	10
2.3. Metodologia.....	13
2.4. Impacto dos Acontecimentos de Vida na Adolescência (IAVA).....	13
2.5. Instrumentos que avaliam acontecimentos de vida.....	14
2.6. Inventário de Vinculação aos Pais e Pares (IPPA)	16
III. Procedimentos	17
3.1. Análise estatística.....	17
IV. Resultados	18
4.1. Análise descritiva e apresentação dos resultados	18
4.2. Consistência Interna das Escalas.....	20
4.3. Inventário de Vinculação a Pais e Pares (IPPA).....	21
4.3.1. Síntese dos resultados obtidos no IPPA – Diferenças por género.....	23
4.3.2. Síntese dos resultados obtidos no IPPA – Amostra total....	23
4.4. Impacto dos Acontecimentos de Vida na Adolescência (IAVA).....	24
4.4.1. Síntese dos resultados obtidos no IAVA.....	24
4.4.2. Acontecimentos de Vida e Acontecimentos da Puberdade – Quais têm mais impacto nos adolescentes?	25
4.5. IPPA e IAVA – Influência dos Acontecimentos de Vida na Vinculação aos Pais e aos Pares	25
4.5.1. Vinculação à Mãe em Função dos AV	26
4.5.2. Vinculação ao Pai em Função dos AV	26

4.5.3. Vinculação aos Pares em Função dos AV	27
V. Síntese dos principais resultados	29
VI. Discussão.....	31
Conclusões	37
Bibliografia.....	42
Anexos.....	47
Anexo 1: Protocolo de Investigação.....	48
1. Declaração de Consentimento Informado.....	49
2. Questionário Sociodemográfico	50
3. Impacto dos Acontecimentos de Vida na Adolescência (IAVA).....	51
4. Inventário de Vinculação aos Pais e Pares (IPPA).....	54
Anexo 2: Tabelas de Resultados	60
1. Frequência dos AV e diferenças por género	61

Introdução

A adolescência é um estágio de desenvolvimento complexo e, de alguma forma, contraditório (Coleman, 2011), em que o adolescente se depara com a difícil tarefa de se libertar daquilo que a psicanálise denomina por “objetos infantis”, nos quais basearam a sua relação com os pais e com o mundo ao longo da infância, o que origina conflitos que requerem algum tempo até serem resolvidos (Braconnier & Marcelli, 2000).

Na realidade, para Braconnier e Marcelli (2005), partindo de uma abordagem psicodinâmica, há aspectos que marcam a adolescência e que devem ser tidos em consideração na análise desta etapa da vida: a excitação sexual, a problemática do corpo, a adolescência enquanto trabalho de luto, os mecanismos de defesa, o narcisismo, o lugar do ideal do Ego na adolescência, a identidade e a identificação, e o grupo. De facto, “a puberdade e a adolescência constituem um verdadeiro organizador da vida psíquica: todo o passado vai, não apenas ser recapitulado, mas revivido e atualizado.” (Dias Cordeiro, 1988, p.56).

Efetivamente, além das questões ligadas ao corpo, nomeadamente no que se refere às transformações pubertárias, o adolescente deve ser compreendido tendo em conta todos os contextos que constroem a sua vida e a sua identidade: a família, a escola e as relações interpessoais. Assim sendo, importa ressaltar a importância preponderante que os outros têm na construção da nossa identidade (Braconnier, 2003).

É, portanto, neste contexto que surge a pertinência deste estudo exploratório. De facto, a percepção de que os estudos empíricos acerca da adolescência se baseiam, sobretudo, nas transformações pubertárias, é o verdadeiro motivo impulsionador desta investigação. Apesar de estas serem fulcrais, as transformações pubertárias são apenas uma parte do mundo do adolescente. Além destas há, de facto, acontecimentos de vida que podem afetar o desenvolvimento do sujeito.

Desta forma, esta investigação pretende ser mais um passo dado na compreensão desta fase da vida tão complexa, de forma a perceber se de facto faz sentido aprofundarmos o estudo da importância dos acontecimentos de vida potencialmente negativos na adolescência, não só tendo em conta a diferença do impacto das transformações da puberdade e do impacto dos referidos acontecimentos de vida, mas também de forma a perceber se a ocorrência de acontecimentos de vida potencialmente negativos afeta o modo como os adolescentes se vinculam às suas figuras de referência: pai, mãe e amigos.

I. Enquadramento conceptual

1.1. Adolescência

O termo adolescência surge do latim *adolescere* que significa *crescer*, e esta é, por excelência, a idade da mudança na vida do indivíduo (Braconnier & Marcelli, 2005). Na verdade, trata-se de uma fase de transição necessária para obter a maturidade característica de um adulto (Ferreira & Ferreira, 2000).

Noller e Callan (1991), por outro lado, referem que a adolescência ocorre entre a infância e a idade adulta, tendo início com as mudanças físicas e emocionais da puberdade.

Na adolescência há aquilo a que Erik Erikson (1972) chamou de *crise de identidade*. O autor defendia que a interação com os outros e com o meio envolvente dá origem a crises psicossociais, que seriam um conflito entre dois polos opostos: um com uma solução positiva, e outro com uma solução negativa. Desta forma, é a partir da resolução bem-sucedida destas crises que o indivíduo se desenvolve e constrói a sua identidade. Por sua vez, Braconnier e Marcelli (2005) acrescentam que a noção de crise está ligada à procura de autonomia e independência, característica dos adolescentes.

Por outro lado, surge a importância das mudanças sociais, familiares e afetivas. Efetivamente, os comportamentos bruscos, inconstantes e por vezes extremos, bem como a instabilidade e incerteza características deste período de vida, levam-nos a falar de um tempo de crise (Braconnier & Marcelli, 2005).

Mais recentemente, Coleman (2011) refere que nos dias que correm, há de facto uma tendência para a adolescência ser tida em consideração como um processo transacional, ao invés de ser vista como um número de estádios que se sucedem. Na verdade, a adolescência revela-se um estádio de desenvolvimento, no seu todo, bastante complexo, que resulta de várias pressões internas (psicológicas e emocionais) e externas (pares, pais, professores).

Efetivamente, houve uma infinidade de definições a surgir ao longo do último século, sendo comum usar-se um critério de negatividade, isto é, referindo frequentemente que esta é a fase em que o sujeito *já não é* criança, mas também *ainda não é* adulto. Há, portanto, alguma falta de clareza e de precisão em relação à definição desta fase da vida (Dias Cordeiro, 1979; Ferreira & Ferreira, 2000).

No fundo, para Braconnier (2002), amar um adolescente é saber dar o seu tempo, e “dar tempo a um adolescente é dar-lhe amor, permitir-lhe errar e permitir-lhe que corrija esses erros” (p.58).

1.2. Evolução histórica do conceito de adolescência

De um ponto de vista histórico-cultural, ao longo do tempo, o conceito de adolescência foi sofrendo algumas alterações, sobretudo devido às mudanças que foram surgindo nos valores impostos pela sociedade (Sprinthall & Collins, 1988), bem como às transformações inerentes ao funcionamento dos sistemas familiares (Claes, 1985).

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas consequências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares

Há vários autores que referem que Ariès foi pioneiro quando, em 1973, afirmava que a Europa pré-industrial não distinguia a infância da adolescência (e.g. Claes, 1985; Medeiros, 2010). No século XIX, a industrialização exigiu especializações técnicas que fizeram com que as diferentes instituições de ensino tivessem uma importância fundamental (Silva, 2004). Nesta altura, a família teria de partilhar com as escolas o poder em relação à criança, o que punha em causa o autoritarismo característico do sistema familiar, agora transformado. A adolescência era, então, o momento em que o adolescente passava a ter um papel ativo e autónomo, no fundo, mais adulto, numa sociedade recentemente industrializada que assim o exigia (Claes, 1985).

Na realidade, “se Ariès faz nascer a adolescência por volta de 1900, a consciência de ser jovem, esse sentimento de pertencer a um grupo com preocupações e aspirações comuns, só se tornará um fenómeno geral, na Europa, no fim da I Guerra Mundial, quando os combatentes da frente se opõem em massa às velhas gerações da retaguarda. A partir de então, a adolescência distende-se, empurrando a infância a montante, a maturidade adulta a jusante.” (Claes, 1985, p.12).

Sprinthall e Collins (1988) referem que o primeiro trabalho de índole científica sobre a adolescência foi publicado nos Estados Unidos por Burnham em 1891, e intitulava-se *The Study of Adolescence*. Alguns anos mais tarde, em 1904, surge o primeiro livro científico sobre a adolescência por Stanley Hall, denominado por *Adolescence: Its Psychology, and Its Relations to Physiology, Anthropology, Sociology, Sex, Crime, Religion, and Education*. Para Hall, a adolescência seria uma fase do desenvolvimento humano marcada por bastante tensão e agitação (*storm and stress*). Esta foi uma obra com grande impacto a nível mundial no que concerne ao estudo científico da adolescência (Medeiros, 2010) numa altura em que a adolescência começava a ser encarada como uma mais-valia para uma sociedade envelhecida e que, por isso mesmo, trazia poucas perspectivas de mudança (Claes, 1985).

Ao mesmo tempo que Hall, porém, na Europa, Freud, em 1905, publicava *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Na sua obra, o terceiro estágio era referente às transformações da puberdade e o desenvolvimento da fase genital, sendo fundamental para o estudo dos afetos e da dimensão psicosssexual do adolescente (Medeiros, 2010).

O nascimento da família contemporânea surgiu, portanto, com o aparecimento da adolescência, sendo este o período que decorre entre a puberdade e o casamento. Para Claes (1985), a família moderna começava a direccionar a sua preocupação para as tarefas educativas, de forma a assegurar a promoção social dos seus filhos e garantir a persistência do seu sistema de valores nas gerações vindouras.

Para Model, Furstenberg, & Hershberg, (1976), o fim da dependência familiar ocorre cada vez mais cedo e de forma mais facilitada, ao passo que o término dos estudos e o acesso ao emprego acabam por acontecer cada vez mais tarde. As exigências de escolaridade impostas na sociedade e pelas próprias profissões, bem como a instabilidade do mercado de trabalho,

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas consequências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares

normalmente marcam o momento em que essa passagem finalmente acontece.

Mais recentemente, Braconnier e Marcelli (2005) consideram que determinados aspetos da sociedade atual podem ser interpretados no sentido de estar a ocorrer um novo movimento histórico que aponta para o desaparecimento da adolescência.

1.3. A Puberdade e as transformações corporais

Para Michael Claes (1985), a puberdade é um ponto de partida para aquilo que se considera o início da adolescência, diferindo de indivíduo para indivíduo consoante os seus ritmos biológicos. Maciel e Rebelo (2010) referem que a maturação pubertária tem início no cérebro, onde ocorrem alterações neuronais no hipotálamo e, conseqüentemente, desencadeiam todas as questões hormonais características desta etapa.

Em média, a puberdade ocorre ao longo de um período de cerca de quatro anos, em que o corpo do indivíduo se modifica profundamente até adotar as suas características sexuais definitivas. Além disso, há algumas transformações na morfologia do corpo do adolescente, isto é, alterações ao nível do esqueleto, que evolui em ambos os sexos, começando nos membros inferiores e, posteriormente, nos membros superiores (Claes, 1985).

Alain Braconnier (2002) confirma a teoria de Michael Claes (1985), referindo que a puberdade começa entre os 10 e os 17 anos, consoante as particularidades de cada indivíduo, terminando com a aquisição da função reprodutora. Neste sentido, o autor ressalva a importância das modificações hormonais (que originam as alterações no ritmo do crescimento do indivíduo, o desenvolvimento dos caracteres sexuais “secundários” e do aparelho genital) na transformação do corpo da criança num corpo de adulto, este capaz de procriar.

Por sua vez, na mesma linha de pensamento, Dias Cordeiro (1988) define a puberdade como um fenómeno biopsicológico, com uma carga sexual diferente para o indivíduo, sendo este o verdadeiro motor do processo maturativo. Na realidade, “a maturação dos órgãos genitais, a intensidade dos desejos, fantasias e sonhos eróticos, a brusca mudança para um corpo de mulher ou de homem, alteram completamente a representação mental do adolescente, não só aos seus próprios olhos como aos dos outros.” (Dias Cordeiro, 1988, p.14).

Para Sprinthall e Collins (1988), as modificações corporais podem constituir um momento de grande insegurança e preocupação para os adolescentes, sendo que os autores que se debruçam sobre estas temáticas (Claes, 1985; Braconnier, 2002; Braconnier & Marcelli, 2005; Dias Cordeiro, 1998) entendem que o maior desafio para o adolescente, nesta altura, se prende com a desarmonia evolutiva que a puberdade desencadeia: se, por um lado, a maturação sexual ocorre a um ritmo extraordinariamente rápido, a maturação psicoafetiva nem sempre acompanha esse ritmo.

Desta forma, o adolescente nem sempre consegue usar as suas competências adaptativas de uma forma eficaz, o que causa alguma instabilidade nesta fase conturbada do desenvolvimento humano. Com

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas conseqüências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares

efeito, mais do que perceber quais são as transformações físicas e de que forma é que elas ocorrem, é fundamental que se perceba quais os efeitos que essas mudanças têm também no desenvolvimento psicológico do adolescente e, no fundo, na formação da sua identidade (Coleman, 2011).

1.3.1. A puberdade nas raparigas

Segundo Braconnier e Marcelli (2005), o desenvolvimento pubertário da rapariga ocorre pela associação de sinais estrogénicos e androgénicos. Neste seguimento, Claes (1985) referia que estas hormonas sexuais seriam as responsáveis pelo desenvolvimento dos órgãos sexuais e, no fundo, pelo aparecimento das características sexuais secundárias.

Para Braconnier e Marcelli (2005), a influência do estrogénio seria visível, primeiramente, pelo aumento do volume dos seios. Os autores referem que, numa primeira fase, há um aparecimento de um nódulo sensível, seguido de um aumento do tamanho da auréola e do tecido que envolve o seio, e este desenvolvimento demora cerca de dois a três anos até estar completo. Sprinthall e Collins (1988), também consideram esta como a primeira transformação corporal nas raparigas.

Ainda devido à influência do estrogénio, ocorrem modificações vulvares na rapariga: a direção do orifício passa a ser horizontal, a mucosa muda de cor e de aspeto, e os pequenos lábios desenvolvem-se e adquirem cor (Braconnier & Marcelli, 2005; Sprinthall & Collins, 1988).

Por outro lado, no que respeita aos sinais androgénicos, estes estão dependentes dos androgénios suprarrenais e ováricos. Cerca de seis meses depois do início do desenvolvimento mamário, surge a pilosidade púbica, primeiro na púbis, proliferando-se dos grandes lábios até às raízes das coxas e à parte inferior do abdómen. A pilosidade adulta demora dois anos a desenvolver-se, e a pilosidade axial aparece na meia-puberdade, desenvolvendo-se ao longo de dois ou três anos. Também a acne ocorre devido à influência dos androgénios, constituindo, em ambos os géneros, o maior problema da puberdade (Braconnier & Marcelli, 2005; Sprinthall & Collins, 1988).

No que respeita ao impulso do crescimento “o reflexo da ação das hormonas sobre o esqueleto, é de 7,5 centímetros no primeiro ano, 5,5 centímetros no segundo ano. No ano em que o crescimento é máximo, o aumento da estatura atinge os 6 a 11 centímetros” (Braconnier & Marcelli, 2005, p.26). Para Claes (1985), nas raparigas há um alargamento da bacia bastante evidente, e ao nível muscular, há também um aumento dos tecidos adiposos, apesar de este ser mais evidente nos rapazes (que ganham, por isso, mais força do que as raparigas). Esta ideia é também confirmada por Sprinthall e Collins (1988), que referem que as raparigas adquirem uma silhueta típica: ombros estreitos, ancas largas e pernas mais curtas relativamente ao tamanho do troco.

Não obstante, numa perspetiva fisiológica, a puberdade termina com o aparecimento das primeiras menstruações. Habitualmente, a primeira menstruação ocorre cerca de dois ou três anos depois do aparecimento dos primeiros sinais pubertários, ou seja, entre os 12 anos e meio e os 13 anos.

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas consequências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares

As menstruações seguintes são irregulares em termos de abundância e periodicidade e, por isso, são os primeiros ciclos regulares que marcam o início da vida ginecológica adulta (Sprinthall & Collins, 1988).

1.3.2. A puberdade nos rapazes

No caso dos rapazes, segundo Braconnier e Marcelli (2005), a puberdade começa com o aumento do volume dos testículos e pelas modificações dos órgãos genitais externos, habitualmente por volta dos 11 anos. Para os autores, nesta altura, o tamanho do pênis aumenta, surge a veia dorsal do pênis e há um pregueamento e pigmentação do escroto. Ainda, a pilosidade aumenta sobre o escroto até à raiz das coxas, sendo que o aparecimento dos primeiros pelos púbicos, nos rapazes, ocorre entre os 12 anos e meio e os 13 anos. Desta forma, o desenvolvimento atinge o estágio adulto entre os 16 e os 18 anos.

Efetivamente, tal como acontece no caso das raparigas, a pilosidade axilar surge na meia-puberdade, desenvolvendo-se ao longo de dois a três anos. É de realçar também o aparecimento das pilosidades facial e torácica entre os 16 e os 18 anos nos rapazes (Braconnier & Marcelli, 2005).

Não obstante, para os mesmos autores, nos rapazes a acne é um dos maiores problemas da puberdade, tal como acontece com as raparigas, porém, neste caso, relacionada com a transformação dos folículos polissebáceos, influenciada pela diidrotestosterona.

Por outro lado, no que concerne ao crescimento, “o aumento da estatura é em média 8,5 centímetros no primeiro ano e de 6,5 centímetros no segundo ano da puberdade. No ano de crescimento máximo, o aumento da estatura é de 7 a 12 centímetros. A silhueta modifica-se pelo alargamento preferencial dos ombros.” (Braconnier & Marcelli, 2005, p.27).

Esta ideia é partilhada por Claes (1985), que também considerava que o desenvolvimento acentuado da estrutura óssea nos rapazes começava pelos ombros, ao contrário do que acontece nas raparigas (em que este ocorre, primeiramente, na bacia), e realçava ainda o aumento dos tecidos adiposos, ao nível muscular, que garantia aos rapazes mais força.

Ainda, Sprinthall e Collins (1988), também concordam com esta posição, realçando que os rapazes adquirem ombros mais largos comparativamente à largura das ancas, e pernas mais longas quando comparadas com o tamanho do tronco.

Não obstante, se no caso das raparigas ocorre a primeira menstruação, no caso dos rapazes ocorre a primeira ejaculação consciente, marcando o fim da puberdade, por volta dos 15 anos (Sprinthall & Collins, 1988).

1.4. A relação com os pais e com os pares na adolescência

O ser humano e todas as questões inerentes ao seu desenvolvimento serão sempre melhor compreendidos tendo em conta o contexto familiar e social em que se insere. Na realidade, as relações humanas são o verdadeiro motor do mundo e são elas que dão sentido à nossa existência, porque “é graças aos outros que nos tornamos nós mesmos e que aprendemos a conhecer-nos.” (Braconnier, 2003, p. 129).

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas consequências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares

Neste sentido, no caso particular da adolescência, o indivíduo deve ser compreendido considerando, acima de tudo, que se encontra numa fase de transição em que este se revela particularmente vulnerável devido às pressões internas (psicológicas e emocionais) e externas (pelos pais, pares e pela sociedade em geral) das quais é alvo (Coleman, 2011).

Nesta fase, o adolescente reivindica pela sua autonomia e individualidade, apesar de ainda ser profundamente dependente do quadro familiar da sua infância (Braconnier & Marcelli, 2005). Na verdade, “a conflitualidade faz parte do movimento psicoafetivo do adolescente.” (Braconnier & Marcelli, 2005, p. 454).

Desta forma, “ser pai de um adolescente é renunciar à eterna infância do seu filho. Isso não se improvisa. Isso exige um certo esforço.” (Braconnier, 2003, p.98). Efetivamente, o adolescente tem dois desejos contraditórios: o de ser autónomo dos pais, e o de se sentir compreendido por eles. Assim, é importante que os pais respeitem o seu afastamento, caso contrário o adolescente vai sentir que os pais querem dominar a sua vida e a construção da sua identidade. Em simultâneo, os pais devem equilibrar essa distância, de forma que ele também não se sinta abandonado por eles (Braconnier, 2003).

Efetivamente, esta é uma fase em que os pais devem encontrar também um equilíbrio entre autoridade e permissividade. A autoridade formal (regras) e a autoridade moral (valores) são importantes, mas os pais devem deixar que o adolescente se procure a si mesmo, numa relação que deve ser pautada por um diálogo proeminente entre ambas as partes, onde haja lugar para negociações e cedências. Este diálogo depende do tipo de relação que estabelecem desde a infância, e é fundamental para que ultrapassem os paradoxos inerentes aos processos da adolescência. No fundo, é também a qualidade do diálogo que permite que o adolescente e os pais não tenham de passar necessariamente pelo confronto para se entenderem (Braconnier, 2002; Braconnier, 2003).

Na realidade, apesar de haver um movimento de afastamento do adolescente relativamente à família, e da relação que este estabelece com os pais sofrer algumas transformações (Braconnier, 2003; Braconnier & Marcelli, 2005), o núcleo familiar continua a revelar-se fundamental. No fundo, “os pais continuam a ser um refúgio afetivo para o adolescente mesmo no caso de ele lutar contra isso, ou até recusar tal refúgio, ainda eu ele afirme por vezes verbalmente a sua independência” (Braconnier, 2002, p.34).

Não obstante o facto de o adolescente ter uma vida cada vez mais construída fora da família, de forma independente, não quer dizer que a sua relação com os pais seja cortada. Na verdade, a relação muda – o que exige readaptações de ambas as partes – mas não deixa de existir (Braconnier, 2003).

É tendo em conta todas estas mudanças que a amizade se revela essencial. Na verdade, o adolescente procura alguém “igual a si”, que o faça sentir compreendido (Braconnier, 2003), e que de alguma forma preencha o vazio deixado pelos pais em alguns aspetos da sua vida (Coleman, 2011).

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas consequências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares

Nesta fase da vida, o adolescente procura integrar-se socialmente, de modo a construir uma identidade e marcar a sua posição na vida social. Surge, portanto, uma necessidade de ter confiança nas suas capacidades enquanto agente e interveniente social, no sentido de desenvolver um sentimento de identidade dentro do próprio grupo de amigos (Braconnier, 2003). No fundo, ter amigos permite construir e validar a sua identidade (Oliveira, 2011).

Será de ressaltar que a tarefa de escolher os seus amigos e ser escolhido por eles é primordial (Braconnier, 2003). Watters e Cummings (2000) referem que o desenvolvimento cognitivo associado à adolescência está relacionado com a procura e escolha de amigos enquanto novas figuras de referência e de vinculação em determinados contextos.

De facto, a partilha, a vivência de experiências e emoções comuns, a lealdade, as confidências e a compreensão que encontram nos amigos (Oliveira, 2011), fazem com que surjam estes novos centros de interesse longe do núcleo familiar (Braconnier, 2003). Nesta fase, o adolescente aprende, de forma autónoma, as vantagens e as desilusões ligadas a valores como a fidelidade, a confiança e o respeito (Braconnier, 2003).

Sprinthall e Collins (1988) realçam que “o ato de partilhar é a base para a interdependência emocional que os adolescentes habitualmente esperam dos amigos (...). A ênfase é colocada na lealdade, na fidelidade no respeito pela confiança mútua.” (p.368).

A amizade é, portanto, um dos maiores investimentos de tempo que o adolescente faz, que mobiliza uma parte substancial da sua vida afetiva. Todas as transformações inerentes a esta etapa da vida fazem com que o adolescente tenha de enfrentar acontecimentos que podem colocar em causa a sua autoestima e a sua autonomia (Ferreira & Ferreira, 2000). Na verdade, a aceitação social tem uma influência predominante na avaliação do *self* do adolescente (Barbosa, Matos & Costa, 2011), e uma autoestima saudável constitui um bom preditor de uma adaptação adequada às transições inerentes aos processos da adolescência (Feliciano, 2010).

Em suma, “numa altura em que o conceito de si próprio se está a formar, aquilo que os outros pensam sobre o adolescente ou como o tratam (ou como o adolescente pensa que os outros o veem ou tratam) constitui uma mensagem significativa para o processo de construção de uma identidade pessoal” (Ferreira & Ferreira, 2000, p.201).

II. Estudo empírico

2.1. Introdução

A adolescência é uma fase da vida habitualmente estudada à luz dos conhecimentos da biologia e das neurociências, tendo em conta sobretudo as transformações pubertárias e todas as consequências que destas advêm. Neste sentido, a pertinência da realização deste estudo exploratório está ligada a perceção de que existe uma escassez de estudos que avaliem a importância que os acontecimentos de vida potencialmente negativos têm nas várias dimensões de vida do adolescente, bem como as repercussões que

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas consequências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares

estes podem – ou não – ter na forma como o adolescente se relaciona com as suas figuras de vinculação.

Na verdade, já em 1988, Dias Cordeiro referia que “não existe, no estado atual dos nossos conhecimentos, nenhum argumento solidamente fundamentado que permita considerar o processo maturativo da adolescência como potencialmente gerador de doença.” (p.7).

É, portanto, no seguimento desta ideia que surge a pertinência do estudo dos acontecimentos de vida na adolescência. Um acontecimento de vida é um fenómeno discreto, descontínuo e transversal à vida do indivíduo que, sendo positivo ou negativo, vai ser sempre uma mudança que altera o seu curso de vida. Desta forma, a importância dos acontecimentos de vida positivos (ou desejáveis) e negativos (ou indesejáveis), deve ser equacionada de forma equilibrada (Ramos, 2004).

Efetivamente, os acontecimentos de vida podem afetar o equilíbrio global do indivíduo (Ramos, 2004), pois exigem reajustes comportamentais, podendo mesmo estar associados ao aparecimento de doenças (Félix, 2011; Holmes & Rahe, 1967).

Os estudos sobre a relação entre os acontecimentos de vida e a psicopatologia, portanto, têm subjacente a ideia de que os mesmos requerem adaptação, e que os indivíduos, ao vivenciarem acontecimentos de vida *stressantes* podem ter propensão a desenvolver problemas psicológicos e físicos (Sarason, Johnson & Siegel, 1978). No entanto, a resposta do indivíduo ao *stress* é o resultado da interação entre as características individuais e as exigências do meio, ou seja, as discrepâncias entre o meio externo e interno, e a perceção que o indivíduo tem relativamente à sua capacidade de resposta (Margis, Picon, Cosner & Silveira, 2003).

Na verdade, o impacto de qualquer acontecimento de vida depende de vários fatores que facilitam a superação das adversidades, e este processo é denominado por resiliência (Poletto & Koller, 2008). Com efeito, uma das variáveis que mais contribui para a resiliência do sujeito são as suas estratégias de *coping*, que se traduzem em esforços empreendidos pelo indivíduo de forma na tentativa de lidar com situações percebidas como negativas ou *stressantes* (Dell’Aglia, 2003, Dell’Aglia & Hutz, 2002).

Desta feita, a reação aos acontecimentos por parte do indivíduo depende, não do próprio acontecimento, mas da predisposição pessoal e dos recursos que este detém, bem como do significado que o mesmo atribui a essas situações tendo em conta os seus valores e aspirações (Vaz Serra, 2000).

Assim, tendo em conta que os acontecimentos de vida são eventos que alteram, ameaçam, danificam ou desafiam as capacidades físicas, psicológicas e sociais dos indivíduos (Compa, Champion & Reeslund, 2005), a pertinência do estudo do impacto dos acontecimentos de vida negativos no período da adolescência justifica-se, por si só, pelos desafios inerentes a esta etapa da vida do sujeito.

Na realidade, experienciar acontecimentos de vida negativos durante a adolescência pode, por um lado, trazer repercussões negativas para o desenvolvimento do sujeito, porém, por outro lado, pode também ser

encarado como um verdadeiro desafio e um processo de aprendizagem (Pereira, Nunes, Lemos & Ayala-Nunes, 2003).

Neste sentido, é de ressaltar que a multiplicidade de respostas e os graus de impacto emocional perante as adversidades, estão intimamente ligados à natureza dos acontecimentos *stressantes*, com o significado que o sujeito lhes atribui, com o suporte familiar e social percebido e, por fim, com as características individuais e as estratégias de enfrentamento utilizadas (Aggarwal, Prabhu, Anand & Kotwal, 2007; Vaz Serra, 2000).

Em Portugal, o relatório mais recente da Comissão de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ), publicado em 2015 – relativo ao ano de 2016 – preconiza que houve um aumento de 336 processos (0,5%) relativamente ao ano anterior (2014), e que as problemáticas dominantes nos processos instaurados relativamente às crianças e jovens foram: a exposição a comportamentos que possam comprometer o desenvolvimento da criança (31,5%), seguindo-se a negligência (19,4%), as situações de perigo em que esteja em causa o Direito à Educação (17,4%), a criança ou jovem que assume comportamentos que afetam o seu bem estar (14,5%) e, por fim, os maus tratos físicos (5,2%).

Será de ressaltar que as estatísticas dos acontecimentos de vida negativos são baseadas em situações de abuso físico, sexual, negligência e abandono, o que acaba por deixar, de alguma forma, de parte, acontecimentos como abuso psicológico, separações temporárias ou definitivas, problemas familiares e determinadas circunstâncias de vida adversas, que se revelam fundamentais na compreensão do desenvolvimento do adolescente (Ramos, 2004).

2.2. Objetivos

O presente estudo tem como principal objetivo perceber quais são os acontecimentos de vida mais preponderantes na adolescência. Assim, esta investigação surge na tentativa de compreender se os acontecimentos de vida relacionados com a família, a escola e as relações interpessoais, afetam – ou não – os adolescentes de uma forma mais proeminente, relativamente aos aspetos inerentes ao próprio processo da adolescência, isto é, em comparação com o impacto que as transformações pubertárias têm no adolescente.

Não obstante, este estudo também tem como objetivo perceber de que forma é que a ocorrência de determinados acontecimentos de vida (ligados à família, à escola e às relações interpessoais) afetam – ou não – a vinculação percebida relativamente aos pais e pares.

Tendo em consideração todos os factos referidos, para a realização deste estudo exploratório foi criada uma escala, de forma a dar resposta às questões do objetivo principal, que pretende ser um esboço de um instrumento, que avalie o impacto das transformações físicas da puberdade – denominados, nos resultados desta investigação, por acontecimentos da puberdade – e dos acontecimentos de vida potencialmente negativos na adolescência. No caso concreto dos acontecimentos de vida potencialmente negativos, estes dizem respeito a situações que ocorrem nas relações

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas consequências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares

familiares, no contexto escolar e nas relações interpessoais. Desta forma, em suma, esta escala surge na tentativa de compreender e seriar em termos de importância os acontecimentos de vida relacionados com a adolescência.

No que respeita às *relações familiares*, foi tido em consideração que o próprio conceito de família sofreu alterações determinantes devido a diversos fatores que podem afetar, de alguma forma, a estabilidade emocional do adolescente (Simionato-Tozo & Biasoli-Alves, 1998).

A família tradicional, mononuclear, foi sendo progressivamente substituída por vários tipos de família que coexistem na sociedade atual. As mudanças que ocorreram na forma como os indivíduos percebem o casamento, o divórcio e, eventualmente, um casamento depois de um divórcio, fizeram com que o divórcio seja, cada vez mais, visto como uma alternativa razoável perante um casamento infeliz onde o amor já não existe (Noller & Callan, 1991).

Deste modo, é importante salientar que um divórcio é indissociável de vários aspetos emocionais inerentes à separação. Há mudanças na vida do casal e da família, e o sofrimento causado pela separação pode ter repercussões a nível psicológico, quer no casal, quer nos restantes elementos da família (Noller & Callan, 1991).

Além disso, há várias causas que podem estar na origem da separação que podem acentuar, ainda mais, o pesar da situação. De entre os vários fatores, podemos salientar os casos extraconjugais, o tempo em família que se vê reduzido pelas exigências profissionais (nomeadamente no caso da mãe, aquela que é considerada como a figura de apoio da família que sai de casa para se empregar), o aumento dos conflitos conjugais, entre outros (Simionato-Tozo & Biasoli-Alves, 1998).

Assim, revela-se de extrema importância ter em consideração os aspetos familiares como uma parte fundamental para o desenvolvimento do adolescente. As relações familiares são determinantes na forma como o adolescente lida com os desafios inerentes a esta fase do desenvolvimento (Noller & Callan, 1991).

Por outro lado, no que se refere ao *contexto escolar*, é importante ressaltar que a escola é um espaço de aprendizagem onde o adolescente desenvolve as suas capacidades cognitivas, porém, “uma definição da escolaridade, que a reduza apenas à simples atividade de ensino e de aquisição de conhecimentos, não corresponde aos desejos dos próprios jovens” (Braconnier, 2003, p. 60).

Na realidade, a escola tem adquirido cada vez mais importância na vida do adolescente, na medida em que as expectativas do adolescente são fomentar a sua preparação para a vida profissional e aprendizagem pessoal, mas acima de tudo, para toda a sua vida e para a construção da sua identidade (Braconnier, 2002).

Neste contexto, tendo em consideração a importância que a escola tem na formação da identidade do adolescente, é fundamental que se explore detalhadamente o impacto que os acontecimentos negativos têm no contexto desta dimensão da sua vida. Segundo Rebelo (2009), ao longo do século XX a retenção escolar tem sido um tema de estudo fundamental para vários

autores, que se debruçam sobre o impacto que esse fenómeno tem na aprendizagem, no comportamento e no desenvolvimento emocional dos adolescentes. Na verdade, a conceção semântica do próprio termo “reprovação” está ligada à rejeição, condenação e incapacidade, pondo em causa um ideal de sucesso, e angustiando, em maior ou menor grau, todos os envolvidos (Moura & Silva, 2007).

Desta forma, os estudos realizados nos últimos anos relacionam o insucesso escolar com a autoestima do adolescente (Alves-Martins; Peixoto; Gouveia-Pereira; Amaral & Pedro; Peixoto, 2003), e os efeitos da retenção escolar num adolescente (Rumberger, 1995), nomeadamente no que concerne ao seu comportamento (Jimerson & Ferguson, 2007), o que corrobora a ideia anteriormente referida de que a escola é fundamental, não só na formação académica do adolescente, mas também e acima de tudo na construção da sua identidade e personalidade.

Por fim, no que respeita às *relações interpessoais*, a verdade é que ao longo de toda a nossa vida, é na interação com os outros que nos construímos enquanto seres humanos ímpares. Desta forma, numa fase em que as experiências se multiplicam e os sentimentos se exacerbam, o papel das relações interpessoais na vida do adolescente torna-se fulcral, nomeadamente no que concerne à importância do grupo de pares. Nesta fase, é nos pares que o adolescente procura as suas referências e o sentimento de pertença, no sentido de ter êxito nas suas relações interpessoais (Silva, 2004).

O estudo dos acontecimentos de vida no contexto das relações interpessoais é fundamental em vários aspetos, mas sobretudo na medida em que há ruturas e fragilidades decorrentes da relação com os outros que devem ser consideradas. A título de exemplo, quando ocorre a rutura de uma relação importante para o adolescente, a perda de alguém significativo é mais do que a perda em si só, “é a perda de uma parte de si, de um ideal” (Braconnier & Marcelli, 2003, p.31). Na verdade, desajustes ao nível das relações interpessoais podem originar problemas ao nível da construção da identidade, na autodescoberta ou até isolamento social na adolescência (Cordeiro, 2006).

Não obstante, no sentido de dar resposta às questões da investigação, foi também aplicado um Inventário de Vinculação aos Pais e Pares (IPPA), de forma a perceber se os referidos acontecimentos de vida potencialmente negativos afetavam a forma como os adolescentes se relacionam com os pais e com os pares.

O termo *vinculação* surgiu nos trabalhos de John Bowlby, o pai da Teoria da Vinculação, e tem subjacentes os fundamentos da Psicanálise, ao mesmo tempo que incorpora conceitos e métodos da Etologia, Biologia e Psicologia do Desenvolvimento. Mary Ainsworth é considerada como co-autora de Bowlby, por ter levado a cabo uma investigação acerca das relações mãe-criança, e pelo desenvolvimento de uma metodologia de avaliação dos tipos de vinculação (Silva, 2014).

A *vinculação* é habitualmente definida como uma ligação afetiva duradora e com uma intensidade substancial (Armsden & Greenberg, 1987).

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas consequências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares

Para Bowlby, o termo seria o contrário de dependência, sendo que o indivíduo se vincula aos outros com o objetivo de sobreviver (Guedenay & Guedenay, 2004).

Para Armsden e Greenberg (1987), a relação entre os laços existentes entre a família, a personalidade e o bem-estar do sujeito tem vindo a ter um interesse crescente ao longo das últimas décadas. Os mesmos autores referem ainda que, recentemente, há também um reconhecimento cada vez maior da importância das relações extrafamiliares ao longo da infância e da adolescência.

Na realidade, a qualidade de vinculação aos pais e aos pares por parte do adolescente relaciona-se de uma forma preponderante com o bem-estar do sujeito, sendo fulcral no enfrentamento das tarefas impostas pela adolescência, bem como para o ajustamento psicológico dos mesmos (Armsden & Greenberg, 1987; Bowlby, 1984; Wilkinson, 2004). A investigação levada a cabo por Armsden e Greenberg (1987) demonstrou que os adolescentes que evidenciavam uma elevada segurança às figuras de vinculação, conseqüentemente, demonstravam ter uma maior satisfação consigo próprios, uma maior tendência para procurar suporte social, e menos respostas sintomáticas aos eventos de vida *stressantes*.

2.3. Metodologia

Para este estudo exploratório, além de um Questionário Sociodemográfico, foram utilizadas duas escalas: o IAVA, construído a propósito desta investigação, com base em instrumentos e estudos prévios, e o IPPA, um inventário de vinculação aos pais e pares. As escalas em questão, bem como a forma como se realizou todo o processo, serão descritos de seguida.

Importa ressaltar que a escala IAVA é um esboço que pretende seriar em termos de importância os acontecimentos de vida (acontecimentos de vida potencialmente negativos e transformações da puberdade), de forma a dar resposta à questão do objetivo primordial da investigação: terão os acontecimentos de vida potencialmente negativos mais impacto no adolescente do que as transformações características da puberdade?

Além disso, a escolha do IPPA surgiu por este ser um instrumento que permitia explorar a vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares na adolescência, não só em termos gerais, mas também em consequência de determinados acontecimentos de vida. Efetivamente, a análise do IPPA permite perceber de que forma é que os acontecimentos de vida potencialmente negativos, que abrangem os vários contextos de vida do adolescente (família, escola e relações interpessoais), afetam – ou não – as relações que o adolescente estabelece com as figuras mais significativas da sua vida, tendo em conta a importância acrescida que assumem nesta fase do desenvolvimento.

2.4. Impacto dos Acontecimentos de Vida na Adolescência (IAVA)

O primeiro passo desta investigação prende-se com a elaboração do

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas consequências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares

esboço de uma escala que pretende avaliar o Impacto dos Acontecimentos de Vida na Adolescência. Importa reforçar a ideia de que esta escala é apenas um esboço para um possível instrumento, e foi assim denominada na medida em que aglomera vários tipos de acontecimentos de vida. Por um lado, temos os acontecimentos potencialmente negativos, e por outro, os característicos da puberdade, que não deixam de ser também acontecimentos de vida, porém ligados a situações inerentes ao desenvolvimento físico do sujeito, e não tanto a mudanças ao nível psicológico e eventualmente emocional.

O processo de elaboração da referida escala passou pela realização de uma pesquisa acerca dos diversos instrumentos que têm como objetivo avaliar o impacto de alguns acontecimentos de vida nas diversas etapas do ciclo de vida do sujeito. Desta feita, foram utilizados os seguintes instrumentos, sintetizados na tabela que se segue.

2.5. Instrumentos que avaliam acontecimentos de vida

Quadro 1. Instrumentos que avaliam acontecimentos de vida, usados para a construção do IAVA

Instrumento	Autor	Data	Nº Itens	Utilização
The Stress Scale	Holmes & Rahe	1967	43	Listagem de acontecimentos que pressupõem mudanças e exijam reajustamentos por parte do indivíduo.
Early Trauma Inventory (Adaptação transcultural)	Mello et. al (adaptação)	2010	52	O ETI (instrumento original) está dividido em quatro domínios: abuso físico, sexual, emocional e experiências traumáticas gerais. Para cada item são avaliadas: a frequência, estágio do desenvolvimento em que ocorreu o abuso, duração, agente perpetrador e impacto no indivíduo na época do abuso. Também é avaliado que tipo de impacto o abuso tem atualmente na vida do sujeito.
Lista de acontecimentos de vida (LAV, Checklist integrante do CAPS – Clinician Administered PTSD Scale, Blake et 1990)	Maia & Fernandes (versão portuguesa)	2002	18	Este instrumento avalia cada acontecimento numa escala de 4 pontos. A versão original permitia estabelecer o diagnóstico de PTSD.
Lista de Acontecimentos Stressantes (Life Stressor Checklist – Revised (Wolfe et al, 1996))	Antunes, Resende & Maia (versão portuguesa)	2008	30	É uma lista mais abrangente do que a LAV em termos das situações avaliadas, e considerada psicometricamente bem validada.
Questionário da História de Adversidade na Infância (Family ACE)	Silva & Maia (versão portuguesa)	2006	77	Este instrumento avalia as experiências de adversidade vividas na infância, agrupando-as em 3 categorias: experiências contra o indivíduo, ambiente familiar disfuncional e

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas consequências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares

Questionnaire (Fellitti & Anda, 1998))	negligência, que se dividem, por sua vez, em 10 subcategorias.
--	--

Posteriormente, foi realizado um levantamento de todos os AV avaliados nos referidos instrumentos, sintetizando ou agrupando os mesmos, tendo como um pressuposto base para a essa seleção os acontecimentos de vida que pareciam mais pertinentes de avaliar no contexto da adolescência, nos domínios das dimensões de vida anteriormente referidas: relações familiares, contexto escolar e relações interpessoais.

Assim, surgiram os seguintes acontecimentos de vida: divórcio/separação dos pais; um (ou ambos) dos pais foi despedido; um dos pais teve um caso extraconjugal; problemas no envolvimento sexual/íntimo com o/a namorado(a); morte de um familiar próximo (inesperada ou não); morte de um amigo ou alguém significativo (inesperada ou não); sentir-se ridicularizado, ignorado ou envergonhado; sentir que não foi desejado; ser vítima de negligência parental (e.g. os pais não respondem às suas necessidades); ser vítima de abuso físico ou psicológico; ser vítima de abuso sexual; consumo de drogas/substâncias pelos pais; repetição de um ano letivo; rutura de uma relação com um namorado(a); rutura de uma relação com alguém significativo; um dos membros da família ser detentor de problemas psicológicos ou emocionais; aumento dos conflitos conjugais entre os pais; e aumento do tempo que os pais (um ou ambos) passam longe de casa.

Será de ressaltar a ideia de que os acontecimentos de vida selecionados a propósito desta investigação não esgotam, efetivamente, todas as possibilidades. Na verdade, a adolescência constitui uma fase tão delicada da vida do sujeito que seria inútil aglomerar todas as hipóteses relativas a um qualquer conjunto de acontecimentos que marquem o caminho que o sujeito vai traçando.

Não obstante, tendo em conta a literatura acerca das transformações biológicas decorrentes da puberdade (e.g. Braconnier, 2002; Braconnier & Marcelli, 2005; Claes, 1985; Dias Cordeiro, 1998; Sprinthall & Collins, 1988), os itens que surgiram foram os seguintes: o nascimento de pelos púbicos e o aparecimento de borbulhas, sendo que estes itens seriam considerados transversais a ambos os casos, pois são acontecimentos comuns a ambos os géneros. Ainda, o alargamento do peito e das ancas (raparigas) ou o aumento de tamanho do pénis e dos testículos (rapazes), e o início do ciclo menstrual (raparigas) ou a ocorrência da primeira ejaculação (rapazes), que são considerados pela literatura como acontecimentos “equivalentes”, apesar de diferentes consoante o género. À parte ficaram o agravamento da voz e o aparecimento de barba nos rapazes, que deveriam ser ignorados pelas raparigas no preenchimento do questionário, na medida em que não há transformações equivalentes para este género na literatura.

Desta feita, surgiu a escala Impacto dos Acontecimentos de Vida na Adolescência, que engloba, portanto, acontecimentos de vida potencialmente negativos e acontecimentos característicos das transformações decorrentes da puberdade (cf. Anexo 1, p.50).

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas consequências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares

Esta escala está dividida em duas partes diferentes. A primeira parte refere-se unicamente à ocorrência dos acontecimentos de vida potencialmente negativos, pois tendo em conta as faixas etárias que a amostra abrange, o número de sujeitos a quem determinadas transformações da puberdade não teriam ocorrido seria reduzido e, estatisticamente, não seria significativo.

Por outro lado, a segunda parte refere-se ao impacto propriamente dito dos acontecimentos de vida potencialmente negativos e das transformações da puberdade. Nesta parte, foi pedido aos adolescentes que respondessem relativamente ao impacto real ou imaginado de cada acontecimento de vida, de forma a perceber, além do impacto real, como é que os adolescentes a quem os AV não aconteceram imaginam que se sentiriam, e perceber se há diferenças estatisticamente significativas nesse sentido. Será de ressaltar que, para a análise comparativa entre os AV e o AP foram tidos em consideração apenas os sujeitos a quem os AV tinham efetivamente acontecido, ou seja, a comparação foi feita, em ambos os casos, relativamente ao impacto real.

2.6. Inventário de Vinculação aos Pais e Pares (IPPA)

No âmbito da investigação, foi também usado o Inventory of Parent and Peer Attachment (IPPA). A versão original foi criada por Armsden e Greenberg (1987), e foi posteriormente traduzida pelo Professor Manuel Geadá (Universidade de Lisboa) no primeiro estudo que usou o IPPA em Portugal, em 1990.

O IPPA é um instrumento de autorrelato multifatorial que pretende avaliar a qualidade de vinculação percebida aos pais e aos pares na adolescência. Por outras palavras, o IPPA avalia a perceção que os adolescentes têm acerca das relações de vinculação estabelecidas com pais e pares nas dimensões cognitivas e afetivas – positivas ou negativas – com o objetivo de perceber a forma como o adolescente se sente seguro – ou não – relativamente a estas figuras.

Desta forma, este inventário avalia os comportamentos cognitivos e os estados emocionais sentidos pelo adolescente, que se referem à confiança, à compreensão, ao respeito mútuo e à acessibilidade/responsividade dessas mesmas figuras, que resultam numa vinculação ou isolamento na sua relação com as mesmas (Armsden & Greenberg, 1987).

O IPPA pode também ser usado como uma medida unifatorial, de forma a classificar os sujeitos como “seguros” (quando os valores obtidos se situam acima da mediana da amostra) ou “inseguros” (quando os valores obtidos se situam abaixo da mediana da amostra) relativamente às figuras de vinculação: mãe, pai e pares (Armsden & Greenberg, 1987).

Assim, o IPPA é constituído por três escalas diferentes: a primeira é relativa à perceção que o adolescente tem em relação à mãe, a segunda é referente ao pai, e a terceira aos pares. Cada escala tem 25 itens, o que perfaz um total de 75 (versão revista), que são respondidos numa escala de Likert que varia entre 1 (“nunca ou quase nunca”) e 5 (“sempre ou quase sempre”).

Apesar da versão usada nesta investigação ter sido a tradução feita

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas consequências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares

pelo Professor Manuel Geada no primeiro trabalho realizado em Portugal (1990), o IPPA foi posteriormente adaptado para o contexto português por Neves (1993), com uma amostra que contou com 450 adolescentes igualmente distribuídos em função do sexo e do ano de escolaridade (Neves, Soares & Silva, 1999). Neste mesmo estudo, a análise de consistência interna dos 75 itens que compõem o IPPA, revelou coeficientes de *alpha* elevados (0.92, 0.95 e 0.93, respetivamente para as escalas mãe, pai e amigos), o que indica uma boa consistência interna para as três escalas (Neves, Soares & Silva, 1999).

Relativamente à análise fatorial efetuada por Armsden e Greenberg (1987) no estudo original, evidenciavam-se três fatores na escala de vinculação aos pais e pares. Esta medida é constituída por três subescalas que avaliam as dimensões *Confiança*, *Comunicação* e *Alienação*, sendo que estas estão associadas a outra medida de carácter mais geral: a *Vinculação*.

A subescala de *Confiança* mede o grau de compreensão e respeito mútuo, ao passo que a subescala *Comunicação* mede a qualidade e a extensão da comunicação e, por fim, a subescala de *Alienação* avalia os sentimentos de raiva e alienação interpessoal sentidos na relação.

O cálculo das três dimensões é feito através da soma do resultado obtido em cada item (por ordem inversa ou direta) e, posteriormente, o resultado total de cada escala de vinculação é obtido através da soma dos valores obtidos nas subescalas de *Confiança* e *Comunicação* e, seguidamente, subtração dos valores obtidos nas subescalas de *Alienação* (Armsden & Greenberg, 1987).

Desta feita, tendo sido obtida previamente a devida autorização da Direção da Escola e dos responsáveis legais pelos adolescentes, participaram neste estudo 120 jovens a frequentar o Agrupamento de Escolas Martinho Árias, em Soure, com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos, que preencheram um Questionário Sociodemográfico realizado para o efeito, a escala do Impacto dos Acontecimentos de Vida na Adolescência (IAVA), e o Inventário de Vinculação aos Pais e Pares (IPPA), entre os meses de Novembro de 2015 e Janeiro de 2016.

III. Procedimentos

3.1. Análise estatística

Para a realização deste trabalho recorreu-se ao SPSS (Statistical Package for the Social Sciences), versão 21.0.

De forma a proceder à caracterização da amostra determinaram-se estatísticas descritivas (frequências relativas e absolutas, médias e desvio padrão).

De modo a analisar a possibilidade de utilização de estatísticas paramétricas realizaram-se testes (Kolmogorov-Smirnov e Levene) no sentido de verificar se os pressupostos para a sua realização se encontravam verificados. Em relação aos testes de normalidade verificou-se que as pontuações obtidas em algumas subescalas não apresentavam uma distribuição normal. Esta situação é frequente e não conduz à perda de

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas consequências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares

robustez nos testes paramétricos desde que o número de indivíduos da amostra em estudo seja superior a 30, o que acontece neste caso.

Por este motivo, sempre que se justificou, foram conduzidos testes paramétricos.

Por forma a explorar a presença de possíveis associações entre valores das diversas escalas recorreu-se à determinação do coeficiente de correlação de Pearson.

A consistência interna das escalas e subescalas foi avaliada recorrendo ao Alfa de Cronbach.

IV. Resultados

4.1. Análise descritiva e apresentação dos resultados

Participaram neste estudo 120 adolescentes a frequentar o Agrupamento de Escolas Martinho Árias, em Soure, com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos, apresentando uma média etária de 14,29 anos (DP=1,770).

A amostra é maioritariamente constituída por participantes do sexo feminino (n=78; 65%), sendo apenas 35% (n=42) do sexo masculino.

Observou-se que 75% dos participantes (n=90) referiram ter irmãos, sendo o respetivo número médio de M=1,47 (DP = 1,019), com uma amplitude de variação de 7. Verificou-se também que 77,8% (n=70) dos participantes que referiram ter irmãos, afirmaram que os mesmos pertencem ao agregado familiar, sendo que 20% (n=18) referiram que tal não acontece e 2,2% (n=2) afirmaram que nem todos os irmãos pertencem ao agregado familiar.

Relativamente à idade dos progenitores, observou-se uma idade média de 43,07 anos (DP=5,074) para as mães e de 45,00 (DP=5,307) anos para os pais.

No que diz respeito ao estado civil dos pais, os participantes referiram, na sua grande maioria, que quer o pai (n=86; 71,7%) quer a mãe (n=83; 69,2%) são casados.

Em termos de habilitações literárias, 39,2% (n=47) das mães não chegaram a terminar o ensino secundário, no entanto, 34,2% (n=41) terminaram o 12º ano e 26,7% (n=32) concluíram o ensino superior. Por outro lado, no que respeita aos pais dos participantes, 49,2% (n=59) não terminaram o ensino secundário, ao passo que 34,2% (n=41) terminaram o 12º ano e 16,7% (n=20) concluíram o ensino superior.

Os resultados apresentados, referentes aos participantes, apresentam-se na Tabela 1.

Tabela 1. Caracterização sociodemográfica dos participantes.

	N	%
Sexo		
Masculino	42	35,0
Feminino	78	65,0
Irmãos		

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas consequências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares

Sim	90	75,0
Não	30	25,0
Irmãos pertencentes ao agregado familiar		
Não se aplica	30	25,0
Sim	70	58,3
Não	18	15,0
Nem todos	2	1,7
Idade	M	DP
	14,29	1.770

Nota: M = Média; DP = Desvio Padrão.

No que diz respeito à mãe dos participantes, os resultados apresentam-se na Tabela 2.

Tabela 2. Caracterização sociodemográfica das mães dos participantes (N=120)

	N	%
Habilitações Literárias		
Não sabe	2	1,7
1º Ciclo	3	2,5
2º Ciclo	5	4,2
3º Ciclo	37	30,8
Ensino Secundário	41	34,2
Ensino Superior	32	26,7
Estado Civil		
Solteira	15	12,5
Casada	83	69,2
Divorciada	17	14,2
União de facto	5	4,1
Idade	M	DP
	43,07	5,074

Nota: M = Média; DP = Desvio Padrão.

Na Tabela 3 apresentam-se os correspondentes resultados relativos aos pais dos participantes.

Tabela 3. Caracterização sociodemográfica dos pais dos participantes (N=120)

	N	%
Habilitações Literárias		
Não sabe	2	1,7
1º Ciclo	3	2,5
2º Ciclo	18	15
3º Ciclo	36	30
Ensino Secundário	41	34,2
Ensino Superior	20	16,7
Estado Civil		
Solteiro	14	11,7
Casado	86	71,7

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas consequências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares

Divorciado	15	12,5
União de facto	5	4,1
Idade	M	DP
	45,00	5,307

Nota: M = Média; DP = Desvio Padrão.

4.2. Consistência Interna das Escalas

No sentido de avaliar as qualidades psicométricas das escalas utilizadas neste estudo exploratório, procedeu-se ao cálculo do coeficiente de alfa de Cronbach, de forma a determinar a consistência interna das mesmas.

A consistência interna permite averiguar a existência ou não de variabilidade das respostas dos diversos participantes, permitindo assim perceber uma possível correlação entre a escala usada e outras escalas constituídas pelo mesmo número de itens e que avaliem o mesmo constructo. Com este objetivo, determinam-se as médias das correlações existentes entre cada um dos itens da escala, o que contribui para o cálculo do coeficiente alfa de Cronbach. Este deve apresentar valores acima de 0,80, sendo considerados aceitáveis índices superiores a 0,60 (Pestana & Gageiro, 2005).

Em relação ao presente estudo, os valores de *Alpha* obtidos para a escala de vinculação e respetivas subescalas (IPPA) apresentam-se na tabela seguinte:

Tabela 4. Consistência Interna para a escala de vinculação (IPPA).

	Número de Itens	Alpha (α)
Vinculação à mãe		
Confiança	10	0,862
Comunicação	9	0,823
Alienação	6	0,736
Vinculação ao pai		
Confiança	10	0,868
Comunicação	9	0,845
Alienação	6	0,715
Vinculação aos pares		
Confiança	10	0,890
Comunicação	8	0,791
Alienação	7	0,658

Observaram-se deste modo valores de consistência interna que variam de 0,658 (na subescala Alienação relativa à vinculação aos pares) a 0,890 (na subescala confiança, também ela referente à vinculação aos pares). Assim, os valores obtidos confirmam as excelentes qualidades psicométricas desta escala.

Na Tabela 5 apresentam-se os resultados do Alfa de Cronbach para a escala do impacto dos acontecimentos da vida na adolescência (IAVA), subdividida em três partes: ocorrência dos AV, impacto dos AV e impacto dos AP.

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas consequências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares

Liliana Marques (e-mail: Liliana.marques22@hotmail.com) 2016

Tabela 5. *Consistência Interna para a Escala do Impacto dos Acontecimentos de Vida (ocorrência e impacto dos acontecimentos de vida e impacto dos acontecimentos da puberdade)*

	Número de Itens	Alpha (α)
Ocorrência dos AV	18	0,694
Impacto dos AV	18	0,827
Impacto dos AP		
Rapazes	6	0,774
Raparigas	4	0,704

Observaram-se, deste modo, valores de consistência interna que variaram de 0,694 (Ocorrência de Acontecimentos da Vida) a 0,827 (Impacto dos Acontecimentos da Vida). Estes valores são reveladores das boas qualidades psicométricas da escala utilizada.

4.3. Inventário de Vinculação a Pais e Pares (IPPA)

As pontuações obtidas na escala de vinculação a pais e pares apresentam-se nas tabelas que se seguem.

Tabela 6. *Escala de vinculação a pais e pares – vinculação à mãe*

	M	DP	t (p)	Mediana
Vinculação à mãe	61,99	16,386		62,20
Masculino (n=42)	61,14	12,673	-0,415 (0,679)	
Feminino (n=78)	62,45	18,133		
Comunicação	33,49	7,124		34,00
Masculino (n=42)	32,64	6,397	-0,957 (0,340)	
Feminino (n=78)	33,95	7,487		
Confiança	41,64	6,772		43,00
Masculino (n=42)	41,45	5,460	-0,305 (0,761)	
Feminino (n=78)	41,74	7,414		
Alienação	13,14	4,964		13,00
Masculino (n=42)	12,95	3,851	-0,305 (0,761)	
Feminino (n=78)	13,24	5,492		

Nota: M = Média; DP = Desvio Padrão.

No que se refere à *vinculação à mãe* (Tabela 6), foi obtida uma pontuação média de 61,99 ($DP=16,389$) sendo o valor mínimo de -11 e o máximo de 89.

Os correspondentes valores médios para as subescalas de *Comunicação*, *Confiança* e *Alienação* foram respetivamente de $M=33,49$ ($DP=7,124$), $M=41,64$ ($DP=6,772$) e $M=13,14$ ($DP=4,964$). No caso da subescala *Confiança* as pontuações variam de 10 a 50, sendo de 9 a 45 o intervalo de variação na subescala *Comunicação* e de 6 a 30 na subescala *Alienação*.

Tendo em conta o sexo, observaram-se sempre valores médios mais elevados nas subescalas para o sexo feminino, não sendo contudo estas diferenças estatisticamente significativas ($p>0,05$).

Os resultados referentes à vinculação ao pai apresentam-se na Tabela

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas consequências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares

7.

Tabela 7. Escala de vinculação a pais e pares – vinculação ao pai

	M	DP	t(p)	Mediana
Vinculação ao pai	56,46	18,517		57,00
Masculino (n=42)	56,76	16,982	0,131 (0,896)	
Feminino (n=78)	56,29	19,398		
Comunicação	31,18	7,860		32,00
Masculino (n=42)	31,48	7,316	0,298 (0,766)	
Feminino (n=78)	31,03	8,180		
Confiança	40,19	7,575		41,00
Masculino (n=42)	40,04	6,735	0,049 (0,961)	
Feminino (n=78)	40,17	8,033		
Alienação	14,92	5,113		15,00
Masculino (n=42)	14,95	4,732	0,056 (0,956)	
Feminino (n=78)	14,20	5,337		

Nota: M = Média; DP = Desvio Padrão.

Observou-se assim um valor médio $M=56,46$ ($DP=18,517$) na escala de *Vinculação ao Pai* sendo de $M=31,18$ ($DP=7,860$) o valor médio obtido na subescala *Comunicação*, $M=40,19$ ($DP=7,575$) o correspondente valor para a *Confiança* e de $M=14,92$ ($DP=5,113$) na subescala *Alienação*. É de salientar que o intervalo de variação da pontuação da escala de *Vinculação ao Pai* foi de -7 a 89, sendo o correspondente para a *Comunicação* de 9 a 45, e de 13 a 50 para a *Confiança*. Em termos de intervalo de variação para a *Alienação* os valores variam de 6 a 30.

É ainda de registar que os rapazes obtiveram pontuações médias mais elevadas nesta escala bem como em todas as subescalas associadas, não sendo no entanto significativas, do ponto de vista estatístico, as diferenças encontradas.

No que se refere aos pares, os resultados apresentam-se na Tabela 8.

Tabela 8. Escala de vinculação a pais e pares – vinculação a pares.

	M	DP	t(p)	Mediana
Vinculação a pares	55,77	11,362		57,00
Masculino (n=42)	55,09	12,501	-0,493 (0,637)	
Feminino (n=78)	56,13	10,766		
Comunicação	29,18	5,324		30,00
Masculino (n=42)	29,09	5,193	-0,120 (0,905)	
Feminino (n=78)	29,22	5,426		
Confiança	43,23	6,768		45,00
Masculino (n=42)	41,88	7,343	-1,607 (0,111)	
Feminino (n=78)	43,95	6,369		
Alienação	16,63	4,506		16,00
Masculino (n=42)	15,88	3,939	-1,347 (0,181)	
Feminino (n=78)	17,04	4,758		

Nota: M = Média; DP = Desvio Padrão.

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas consequências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares

Liliana Marques (e-mail: Liliana.marques22@hotmail.com) 2016

Observou-se um valor médio de $M=55,77$ ($DP=11,362$) na *Vinculação a Pares* sendo o intervalo de variação dos valores médios desta escala de 15 a 75 pontos. Na subescala *Comunicação* o valor médio obtido foi de 29,18 ($DP=5,324$), variando a pontuação de 11 a 38 pontos. Na subescala *Confiança* obteve-se um valor médio de $M=43,23$ ($DP=6,768$), registando-se uma amplitude de variação de 40 pontos (Mínimo=10 pontos e Máximo=50 pontos). No que diz respeito à *Alienação*, o valor médio obtido foi de $M=16,63$ pontos ($DP=4,506$), variando a pontuação de 9 a 35 pontos.

4.3.1. Síntese dos resultados obtidos no IPPA – Diferenças por género

As raparigas evidenciam valores médios mais elevados nas escalas de vinculação à mãe e aos pares, bem como nas respetivas subescalas, apesar das diferenças não serem estatisticamente significativas.

Por outro lado, os rapazes evidenciam valores médios mais elevados do que as raparigas na vinculação ao pai, apesar das diferenças também não serem estatisticamente significativas. Em suma, não há diferenças estatisticamente significativas tendo em conta o género.

4.3.2. Síntese dos resultados obtidos no IPPA – Amostra total

Da observação dos resultados apresentados nas tabelas 6, 7 e 8, pode constatar-se que, relativamente à Vinculação, a totalidade da amostra deste estudo apresenta valores médios mais elevados na *Vinculação à Mãe* do que ao *Pai* ou aos *Pares*, o mesmo se observando em relação à subescala *Comunicação*.

No entanto, relativamente à subescala *Confiança*, o valor médio mais elevado foi obtido relativamente aos pares, logo seguido da mãe e só então o pai. Finalmente, relativamente à subescala *Alienação*, o valor médio mais elevado foi obtido para os pares, seguido do pai e em último a mãe.

No sentido de determinar uma possível relação entre os valores de vinculação entre pai, mãe e pares, foram determinados coeficientes de correlação de Pearson, que se encontram na Tabela 9.

Tabela 9. Correlações de Pearson para as escalas do IPPA para a amostra total e em função do sexo.

	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
IPPA Mãe – IPPA Pai	0,541**	0,591**	0,575**
IPPA Mãe – IPAA Pares	0,523**	0,485**	0,484**
IPPA Pai – IPPA Pares	0,641**	0,625**	0,623**

Nota: ** $p < 0,001$

De facto, foram encontradas correlações estatisticamente significativas em todas as relações analisadas, inclusivamente em função do sexo, sendo a correlação entre o IPPA Pai e IPPA Pares a mais elevada ($r=0,623$). Conclusão semelhante pode retirar-se relativamente às correlações por sexo, a medida em que, quer para o sexo masculino, quer para o feminino, é também a correlação IPPA Pai-IPPA Pares, a mais

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas consequências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares

Liliana Marques (e-mail: Liliana.marques22@hotmail.com) 2016

elevada tendo-se obtido os valores de $r=0,641$ para o sexo masculino e $r=0,625$ para o sexo feminino. Todas as correlações encontradas são estatisticamente significativas ao nível de 1%.

4.4. Impacto dos Acontecimentos de Vida na Adolescência (IAVA)

Relativamente à escala de impacto dos acontecimentos de vida na adolescência, os resultados das pontuações apresentam-se na Tabela 10.

Tabela 10. Impacto dos acontecimentos de vida na adolescência.

	M (DP)	Min – Max	t (p)
IAVA – AV	2,88 (2,285)	0 – 10	
Masculino (n=42)	2,90 (2,184)		0,104 (0,917)
Feminino (n=78)	2,86 (2,350)		
IAVA -AAV	57,74 (6,914)	36 – 72	
Masculino (n=42)	56,05 (6,231)		-1,996 (0,058)
Feminino (n=78)	58,66 (7,130)		
IAVA – AP Rapazes	5,81 (1,728)	4 – 12	
IAVA – AP Raparigas	8,19 (2,549)	4 – 13	

Nota: M = Média; DP = Desvio Padrão; Min = Mínimo; Max = Máximo.

Observou-se, portanto, um valor médio de $M = 2,88$ ($DP = 2,285$) na escala *IAVA – AV* e de $M = 57,74$ ($DP = 6,914$) na escala *IAVA – AAV*. Em função do género, observou-se um valor médio mais elevado na escala *IAVA – AV* por parte dos rapazes, tendo sido o mais elevado no caso da escala *IAVA – AAV* obtido pelas raparigas, não se registando, no entanto, diferenças estatisticamente significativas nesta pontuação em função do género.

Relativamente aos valores obtidos na escala *IAVA – AP*, os valores médios para a subescala *IAVA – AP* para rapazes foi $M = 5,81$ ($DP = 1,728$) tendo sido de $M = 8,19$ ($DP = 2,549$) o valor médio obtido para a subescala *IAVA – AP* para raparigas.

4.4.1. Síntese dos resultados obtidos no IAVA

Como foi referido anteriormente, as comparações por género não foram estatisticamente significativas relativamente à ocorrência e ao impacto dos acontecimentos de vida.

Em relação aos acontecimentos da puberdade, registaram-se pontuações mais elevadas para as raparigas, apesar das diferenças não serem também significativas.

Não obstante, ainda em relação à ocorrência dos acontecimentos de vida, os mais frequentes em ambos os géneros foram o divórcio dos pais, a morte de um familiar próximo, a morte de alguém significativo, sentir-se ridicularizado ou envergonhado, e sentir que não foi desejado (cf. Anexo 2, Tabela 15, p.60).

Ainda, tendo em conta a frequência da ocorrência dos acontecimentos de vida em estudo, foi realizada uma análise no sentido de perceber se

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas consequências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares

haveria diferenças nas percentagens em função do género, não tendo sido verificada qualquer diferença estatisticamente significativa para qualquer um dos acontecimentos referenciados (cf. Anexo 2, Tabela 15, p. 60).

4.4.2. Acontecimentos de Vida e Acontecimentos da Puberdade – Quais têm mais impacto nos adolescentes?

No sentido de averiguar quais os acontecimentos que mais afetam os participantes, realizaram-se testes de *t de Student* para comparação das médias das escalas IAVA – AAV e IAVA – AP. Uma vez que a subescala IAVA – AP é diferente para rapazes (6 questões) e raparigas (4 questões), essa comparação foi feita por género. Os resultados apresentam-se na Tabela 11.

Tabela 11. Diferenças nas médias das escalas IAVA-AAV e IAVA-AP.

	IAVA – AAV	IAVA – AP	t (p)
	M (DP)	M (DP)	
Rapazes (n=42)	3,11 (0,346)	1,36 (0,340)	21,977** (0,000)
Raparigas (n=78)	3,26 (0,396)	2,05 (0,673)	16,363** (0,000)

Nota: M = Média; DP = Desvio Padrão; ** p < 0,001.

De acordo com os valores apresentados na tabela anterior pode concluir-se que, quer no caso dos rapazes, quer no caso das raparigas que participaram nesta investigação, os acontecimentos da vida apresentam-se como sendo mais relevantes do que as transformações da puberdade. Em qualquer uma das situações referidas, as diferenças são estatisticamente significativas uma vez que, quer para os rapazes, quer para as raparigas, o valor de *p* obtido foi inferior a 0,01, significando portanto que estes resultados apresentam uma confiança de 99%. É de ressaltar que, apesar de a escala poder ser respondida tendo em conta o impacto real ou imaginado, esta comparação foi feita considerando apenas os sujeitos que responderam quando o impacto foi real (isto é, quando os AV lhes aconteceram efetivamente). No caso do impacto imaginado dos acontecimentos de vida, este foi testado, porém, não se registaram diferenças.

4.5. IPPA e IAVA – Influência dos Acontecimentos de Vida na Vinculação aos Pais e aos Pares

No sentido de determinar a possível existência de diferenças na vinculação aos pais (mãe e/ou pai) e pares em função de terem acontecido (ou não) os acontecimentos de vida potencialmente negativos em estudo, desenvolveram-se testes *t de Student*.

Assim, foram testados todos os acontecimentos de vida potencialmente negativos da investigação, e a forma como a vinculação aos pais e pares se alterava (ou não) tendo em conta a sua ocorrência (ou não). Dada a extensão de possibilidades e resultados, nas tabelas que se seguem apresentam-se apenas os resultados estatisticamente significativos encontrados.

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas consequências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares

Liliana Marques (e-mail: Liliana.marques22@hotmail.com) 2016

4.5.1. Vinculação à Mãe em Função dos AV

Tabela 12. Diferenças significativas na vinculação à mãe em função dos AV.

Vinculação à mãe	M (DP)	t (p)
Sensação de não ser desejado		
Sim (n=25)	51,44 (24,913)	3,826** (0,000)
Não (n=95)	64,77 (12,001)	
Vítima de negligência parental		
Sim (n=7)	41,43 (30,621)	3,588** (0,000)
Não (n=113)	63,27 (14,387)	

Nota: M = Média; DP = Desvio Padrão; ** p < 0,001.

Verifica-se que os participantes que referiram nunca terem vivenciado a sensação de não ser desejado apresentaram um valor médio de vinculação à mãe mais elevado (M = 64,77; DP = 12,001) do que os que vivenciaram esta situação (M = 51,44; DP = 24,913), sendo esta diferença estatisticamente significativa, já que se obteve um valor de *p* inferior a 0,01.

Do mesmo modo, os participantes que referiram nunca terem sido vítimas de negligência parental apresentaram um valor médio de vinculação à mãe (M = 63,27; DP = 14,387) superior aos que referiram ter vivido esta situação (M = 41,43; DP = 30,621), sendo esta diferença, novamente, estatisticamente significativa já que o valor de *p* foi inferior a 0,01.

4.5.2. Vinculação ao Pai em Função dos AV

Tabela 13. Diferenças significativas na vinculação ao pai em função dos AV.

Vinculação ao pai	M (DP)	t (p)
Divórcio		
Sim (n=28)	49,68 (23,145)	2,250* (0,026)
Não (n=92)	58,52 (16,462)	
Sentir-se ridicularizado		
Sim (n=25)	36,16 (7,093)	3,097** (0,002)
Não (n=95)	41,25 (7,372)	
Sensação de não ser desejado		
Sim (n=25)	46,28 (16,004)	3,207** (0,002)
Não (n=95)	59,14 (18,273)	
Vítima de violência física/psicológica		
Sim (n=11)	34,64 (4,388)	2,614* (0,010)
Não (n=109)	40,75 (7,615)	
Rutura de relação com alguém importante		
Sim (n=36)	38,03 (7,920)	2,077* (0,040)
Não (n=84)	41,10 (7,275)	

Nota: M = Média; DP = Desvio Padrão; * p < 0,05.

Observou-se, deste modo, que os participantes que não vivenciaram um divórcio apresentam um valor médio de vinculação ao pai mais elevado

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas consequências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares

($M = 58,52$; $DP = 16,462$) do que aqueles que o vivenciaram ($M = 49,68$; $DP = 23,145$). Esta diferença é estatisticamente significativa ao nível 5% ($p = 0,026$).

Registou-se também a presença de uma diferença estatisticamente significativa no valor médio de vinculação ao pai por parte dos participantes que alguma vez se sentiram ridicularizados, tendo estes obtido uma pontuação média de vinculação inferior ($M=36,16$; $DP=7,093$) aos que nunca vivenciaram tal sentimento ($M=41,25$; $DP=7,372$). Esta diferença é estatisticamente significativa ao nível 1% ($p = 0,002$).

Da mesma forma, os participantes que nunca foram vítimas de violência física ou psicológica apresentam um valor médio de vinculação ao pai superior ($M=40,75$; $DP=7,615$) do que aqueles que alguma vez tiveram este sentimento ($M = 34,64$; $DP=4,388$). Esta diferença é significativa ao nível de 5% ($p=0,010$).

Finalmente, os participantes que não vivenciaram situações rutura com alguém importante apresentam um valor médio de vinculação ao pai ($M=41,10$; $DP=7,275$) maior do que os que vivenciaram tal situação ($M=38,03$; $DP=7,920$), sendo esta diferença estatisticamente significativa ao nível de 5% ($p = 0,040$).

4.5.3. Vinculação aos Pares em Função dos AV

Tabela 14. Diferenças significativas na vinculação aos pares em função dos AV.

Vinculação aos pares	M (DP)	t (p)
Sentir-se ridicularizado(a)		
Sim (n=31)	49,26 (13,904)	3,921** (0,000)
Não (n=89)	58,03 (9,409)	
Sensação de não ser desejado(a)		
Sim (n=25)	46,58 (9,484)	5,016** (0,000)
Não (n=95)	58,20 (13,239)	
Rutura de relação com alguém importante		
Sim (n=36)	51,44 (12,571)	2,806** (0,040)
Não (n=84)	57,62 (10,338)	

Nota: M = Média; DP = Desvio Padrão; ** $p < 0,001$; * $p < 0,01$

Por observação da tabela anterior, verificou-se que o facto de se sentir ridicularizado/envergonhado é um acontecimento que induz diferenças estatisticamente significativas na vinculação aos pares, observando-se uma pontuação média mais elevada por parte dos participantes que referiram nunca ter vivenciado esta situação ($M = 58,03$; $DP = 9,409$) do que pelos que alguma vez a vivenciaram ($M = 49,26$; $DP = 13,904$).

Da mesma forma, o acontecimento sentir que não é desejado conduz também a diferenças estatisticamente significativas na vinculação aos pares. Deste modo, os participantes que nunca vivenciaram este acontecimento apresentam valores médios de vinculação superiores ($M=58,20$; $DP=13,239$) aos que alguma vez vivenciaram esta situação ($M=46,58$; $DP=9,484$). Estas

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas consequências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares

diferenças são significativas ao nível de 1%.

Do mesmo modo, os participantes que referiram não ter vivenciado a ruptura de uma relação com alguém significativo, apresentaram valores médios mais elevados na vinculação aos pares ($M = 57,62$; $DP = 10,338$) do que os que referiram terem vivenciado esta situação ($M = 51,44$; $DP = 12,571$). As diferenças nos valores médios desta variável são significativas ao nível de 5% ($p < 0,05$).

V. Síntese dos principais resultados

Quadro 2. Síntese dos principais resultados

Principais resultados	
Caracterização sociodemográfica dos participantes	
Amostra	- Constituída por 120 adolescentes.
Idade	- Varia entre os 12 e os 18 anos (M=14 anos).
Sexo	- 42 adolescentes (35%) são do sexo masculino; - 78 adolescentes (65%) são do sexo feminino.
Irmãos	- 90 adolescentes (75%) têm irmãos, sendo que 70 (58,3%) referem que têm todos os irmãos no seu AF, 18 (15%) referem que estes não pertencem ao seu AF, e apenas 2 (1,7%) referem que nem todos pertencem ao seu AF; - 30 adolescentes (25%) não têm irmãos.
Caracterização sociodemográfica dos pais dos participantes	
Idade	- Idade média de 43 anos para as mães; - Idade média de 45 anos para os pais.
Estado civil	- Quer a mãe (69,2%), quer o pai (71,7%), são casados.
Habilitações literárias	Mães dos participantes: - 39,2% (n=47) das mães não terminaram o ensino secundário; - 34,2% (n=41) terminaram o 12º ano; - 26,7% (n=32) concluíram o ensino superior. Pais dos participantes: - 49,2% (n=59) não terminaram o ensino secundário - 34,2% (n=41) terminaram o 12º ano - 16,7% (n=20) concluíram o ensino superior. - Ambos os pais, na maioria dos casos, têm habilitações literárias semelhantes.
IPPA	
Consistência Interna	- Valores do alfa de <i>cronbach</i> que variam entre 0,658 e 0,890, o que denota excelentes qualidades psicométricas da escala.
Vinculação aos Pais e Pares – Diferenças por género	- As raparigas evidenciam valores médios mais elevados na escala de vinculação à mãe e na escala de vinculação aos pares, bem como às respetivas subescalas da mesma, em relação aos rapazes. Contudo, as diferenças encontradas não foram estatisticamente significativas; - Os rapazes revelam valores médios mais elevados do que as raparigas na escala de vinculação ao pai e às respetivas subescalas, apesar das diferenças também não serem estatisticamente significativas.
Vinculação aos Pais e Pares – Amostra total	- Escala de vinculação: valores médios mais elevados para a vinculação à mãe, seguido do pai e dos pares; - Subescala de Comunicação: valores médios mais elevados para a Comunicação com a mãe, seguido do pai e dos pares; - Subescala de Confiança: valores médios mais elevados para os pares, seguido da mãe e depois do pai;

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas consequências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares

	<p>- Subescala de Alienação: valores médios mais elevados para os pares, seguido do pai e por último da mãe;</p> <p>- O Coeficiente de Correlação de <i>Pearson</i> evidencia correlações estatisticamente significativas para todas as relações analisadas (relativamente à escala de vinculação entre a mãe, pai e pares), inclusive em função do sexo;</p> <p>- Em relação às escalas de vinculação, a correlação IPPA-Pai e IPPA-Pares é a mais elevada.</p>
IAVA	
Consistência Interna	- Para as escalas de ocorrência, impacto e acontecimentos da adolescência, os valores de alfa de cronbach variaram entre 0,694 (ocorrência dos AV) e 0,827 (impacto dos AV), o que é revelador de boas qualidades psicométricas da escala.
Ocorrência dos AV	<p>- O valor médio mais elevado foi obtido pelos rapazes, apesar de não haver diferenças estatisticamente significativas tendo em conta o género;</p> <p>- Os AV mais frequentes são: divórcio dos pais, morte de um familiar próximo, morte de alguém significativo, sentir-se ridicularizado ou envergonhado e sentir que não foi desejado.</p>
Impacto dos AV	- Os valores mais elevados foram obtidos pelos rapazes, apesar de não haver diferenças estatisticamente significativas em função do género.
Impacto dos AP	- O valor médio é mais elevado para as raparigas (M=8,19) do que para os rapazes (5,81), apesar de não haver diferenças estatisticamente significativas.
Impacto dos AV comparado com o Impacto dos AP	- Os AV tiveram mais impacto e evidenciaram-se como mais relevantes do que os AP em ambos os géneros.
IPPA e IAVA	
Vinculação à mãe após ocorrência dos AV	- Os adolescentes que já vivenciaram a sensação de não ser desejado ou aqueles que já foram vítimas de negligência parental evidenciam valores de vinculação à mãe mais baixos do que aqueles que nunca vivenciaram essas situações, sendo as diferenças estatisticamente significativas.
Vinculação ao pai após ocorrência dos AV	- Os adolescentes que já vivenciaram um divórcio parental, que já se sentiram ridicularizados, que já foram vítimas de violência física ou psicológica, ou que já sofreram a rutura de uma relação com alguém significativo, evidenciam valores médios de vinculação ao pai mais baixos do que aqueles que nunca vivenciaram essas situações, sendo as diferenças estatisticamente significativas.
Vinculação aos pares após ocorrência dos AV	- Os adolescentes que já se sentiram ridicularizados, que já sentiram que não eram desejados, ou que já vivenciaram a rutura de uma relação com alguém significativo, evidenciam valores médios de vinculação aos pares mais baixos do que aqueles que nunca vivenciaram tais acontecimentos, sendo as diferenças estatisticamente significativas.

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas consequências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares

VI. Discussão

Este capítulo é dedicado à discussão dos resultados obtidos neste estudo exploratório transversal, interpretados de acordo com algumas referências teóricas. Ainda, sempre que possível, os resultados desta investigação são comparados com outras investigações desenvolvidas no âmbito das temáticas abordadas no decurso da adolescência.

Em primeiro lugar, é importante referir que ambas as escalas utilizadas (IAVA e IPPA) denotam excelentes qualidades psicométricas, na medida em que a consistência interna das mesmas se enquadra entre os valores de referência. No caso do IPPA, as qualidades psicométricas desta escala são, portanto, confirmadas, já que tinham sido obtidas conclusões semelhantes, quer no estudo de adaptação do IPPA ao contexto português ($\alpha=0,92-0,95$) por Neves, Soares e Silva (1999), e no estudo feito especificamente numa população adolescente de Coimbra ($\alpha=0,87$) por Machado e Oliveira (2007).

A consistência interna do IPPA também foi confirmada através da análise feita neste estudo acerca da correlação entre os fatores que compõem a escala. Foram verificadas correlações significativas entre todas relações analisadas, à semelhança do que tinha sido verificado no estudo de Silva (2011). No presente estudo, a correlação mais elevada foi para IPPA-Pai e IPPA-Pares, o que quer dizer que a vinculação ao pai e a vinculação aos pares são as que mais se influenciam mutuamente. Desta forma, podemos afirmar que a maior tendência desta amostra é de a vinculação ao pai aumentar ou diminuir em proporção ao aumento ou diminuição da vinculação aos pares, respetivamente. Pelo contrário, estudos prévios apenas verificaram esta relação entre as escalas IPPA-Pai e IPPA-Mãe (Neves, Soares & Silva, 1999; Vaz, 2011).

No que concerne às diferenças existentes entre rapazes e raparigas ao nível da Vinculação (pai, mãe e pares) e das respetivas subescalas (Confiança, Comunicação e Alienação) não se verificaram diferenças estatisticamente significativas tendo em conta o sexo dos adolescentes, tal como também já tinha sido verificado em estudos prévios (Machado & Oliveira, 2007). No entanto, as raparigas destacaram-se no caso da vinculação à mãe e aos pares (e respetivas subescalas), ao passo que os rapazes se destacaram em relação à vinculação ao pai (e respetivas subescalas), ao contrário do estudo feito por Anastácio (2013) que denotou uma perceção de vinculação aos pares mais elevada pelas raparigas, no entanto, no caso dos pais, eram os rapazes que se destacavam.

Na verdade, os resultados obtidos na presente investigação sugerem que, tendo em conta os processos de identificação característicos da formação da identidade na adolescência (Sprinthall & Collins, 1988), a tendência é de que os adolescentes percecionem níveis mais elevados de vinculação à figura que lhes é, de alguma forma, mais semelhante. Conclusões semelhantes já tinham sido evidenciadas anteriormente, tendo como base a teoria psicanalítica, que sugere que a figura parental do mesmo sexo é como um modelo de referência para o adolescente no processo de identificação característico da adolescência, o que justifica a tendência para

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas consequências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares

a existência de vinculações mais fortes entre pais e filhos do mesmo sexo (Buist, Dekovic, Meeus & Aken, 2002).

Ainda, será de ressaltar que, numa perspectiva global, os sujeitos que participaram neste estudo evidenciam valores médios mais elevados na Vinculação à Mãe, seguindo-se do Pai e, por fim, dos Pares. Na verdade, o facto da idade média desta amostra ser ainda uma fase intermédia da adolescência (M=14), pode fazer com que de facto os adolescentes avaliados ainda não tenham efetivado o processo de autonomia dos pais e conseqüente aproximação dos amigos. Além disso, é de ressaltar que apesar dos seus movimentos de afastamento, os pais continuam a ser vistos como aquilo a que Weiss, em 1982, denominou por “figuras de vinculação de reserva”, às quais continuam a recorrer sempre que sentem que é necessário (Silva, 2011).

Não obstante, esta tendência evidencia-se, mais uma vez, na subescala de Comunicação – que se refere à qualidade e extensão da comunicação entre os adolescentes e a figura de vinculação em questão – em que à semelhança da escala de vinculação, a Mãe continua a ser a figura de referência primordial, deixando os amigos em último plano.

Por outro lado, quando se trata de Confiança, que envolve a compreensão e o respeito mútuo, as figuras em destaque são os pares, demonstrando a clara tendência que os adolescentes têm para procurar os amigos relativamente às preocupações e interesses em comum, característicos desta etapa da vida. Sprinthall e Collins (1988) confirmam esta conclusão ao afirmarem que os adolescentes veem os amigos como pessoas que partilham pensamentos e sentimentos. Os autores consideram que “o ato de partilhar é a base para a interdependência emocional que os adolescentes habitualmente esperam dos amigos (...). A ênfase é colocada na lealdade, na fidelidade no respeito pela confiança mútua” (p. 368).

Por fim, os adolescentes demonstram sentir maiores níveis de alienação relativamente aos pares, o que pode ser justificado com aquilo que Anna Freud (citada por Sprinthall & Collins, 1988) denominou por “inversão do afeto”, uma das defesas psicológicas que esta autora dizia ser comum na adolescência, e que deve ser entendida como resultado da identidade que está agora a emergir de uma forma mais proeminente. Desta forma, o desejo de se sentirem próximos da figura de vinculação, neste caso dos pares, pode ser manifestado através do afastamento.

Relativamente à escala IAVA, à semelhança das comparações feitas, por género, nos vários domínios do IPPA, também não se encontraram diferenças estatisticamente significativas entre sexos, quer relativamente à ocorrência dos AV, quer em relação ao impacto dos AV e dos AP, apesar dos rapazes se destacarem na ocorrência e impacto dos AV, e as raparigas no impacto dos AP.

Relativamente aos AP, de facto as transformações físicas do adolescente têm impacto sobretudo na imagem corporal e, conseqüentemente, no seu autoconceito (Sprinthall & Collins, 1988). No presente estudo, as raparigas demonstram sentir mais o impacto dos AP na

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas conseqüências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares

sua vida, o que vem corroborar estudos anteriores, que atribuem esta situação ao facto das raparigas serem mais inseguras e atribuírem mais importância à aparência e à aprovação por parte dos outros do que os rapazes (Simmons, Blyth, Cleave, & Bush, 1979).

No fundo, este estudo surgiu, numa primeira instância, para perceber se de facto são os acontecimentos de vida ou os da puberdade que mais afetam os adolescentes, tendo em consideração o destaque que se dá à puberdade perante os acontecimentos de vida na literatura e na ciência, e ao facto de não haver evidências reais de que apenas o processo maturativo seja o único gerador de doenças psicológicas (Dias Cordeiro, 1988). Efetivamente, os resultados desta investigação sugerem que serão os acontecimentos de vida potencialmente negativos que mais afetam os adolescentes, pondo em evidência a pertinência da exploração desta temática nas mais diversas dimensões de vida do adolescente.

Não obstante, relativamente à possível existência de uma relação entre a ocorrência de determinados acontecimentos de vida e alterações subsequentes ao nível da vinculação aos pais e aos pares, os resultados do presente estudo apontam no sentido de que a ocorrência de alguns tipos de acontecimentos de vida potencialmente negativos afetam, de uma forma proeminente, a vinculação aos pais e aos pares.

Primeiramente, esta investigação sugere que os maus tratos aos adolescentes afetam, significativamente, a vinculação percebida pelos mesmos relativamente às figuras de vinculação (mãe, pai e pares), o que vai no sentido das investigações prévias, que têm demonstrado que os sujeitos vítimas de maus tratos tendem a apresentar padrões de vinculação insegura quando comparadas com crianças que não sofreram maus tratos (Ferreira, 2015).

Importa ressaltar que os acontecimentos de vida *ser vítima de negligência parental, sentir-se ridicularizado, ser vítima de violência física ou psicológica e sentir que não foi desejado* são incluídos, globalmente, no conceito de maus tratos, na medida em que assim foram designados no *Manual de Crianças e Jovens Vítimas de Violência* da APAV (2011).

É importante referir que os maus tratos podem ser ativos ou passivos (Cordeiro, 2003). Por um lado, a *sensação de não ser desejado e sentir-se ridicularizado* são considerados como maus tratos ativos, mais concretamente como maus tratos psicológicos e emocionais, ao passo que *ser vítima de negligência parental* é considerado um mau trato passivo, podendo assumir a forma de mau trato de negligência psicológica e emocional ou física. No caso da violência, pode ser *ativa*, se for física, ou *passiva*, se for psicológica (Manual de Crianças e Jovens Vítimas de Violência da APAV, 2011).

Na verdade, as situações de maus tratos – dos mais diversos tipos e formas – são cada vez mais frequentes na atualidade, sendo portanto meritórias da nossa atenção, nomeadamente tendo em consideração as repercussões que estes podem ter aos vários níveis da vida do adolescente (Cordeiro, 2003), pondo em causa “o crescimento e o desenvolvimento pleno e integral de todas as suas competências físicas, cognitivas,

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas consequências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares

psicológicas e socioemocionais” (Manual de Crianças e Jovens Vítimas de Violência da APAV, 2011, p. 11).

Neste sentido, a pertinência de uma exploração mais aprofundada das repercussões que os maus tratos podem ter na vinculação aos pais justifica-se, não só pela frequência destas situações na atualidade, mas também pela noção de que um padrão inseguro de vinculação pode influenciar negativamente o desenvolvimento de diversas competências e tarefas desenvolvimentais (Figueiredo, 1998).

Efetivamente, o presente estudo evidencia que os adolescentes que já foram vítimas de negligência parental reportam valores de vinculação significativamente inferiores relativamente à mãe, ao passo que os adolescentes que referem terem-se sentido ridicularizados evidenciam valores de vinculação bastante inferiores em relação ao pai, e por fim, os adolescentes que sentem que não foram desejados percebem, de forma tendencialmente negativa, a vinculação a ambos os pais.

Estas conclusões são coniventes com as teorias de investigação no domínio da vinculação, que preconizam que pais que exercem qualquer tipo de maus tratos aos filhos propiciam o desenvolvimento de uma vinculação insegura, na medida em que estes não são percebidos pelos adolescentes enquanto uma base segura que lhes permita explorar o mundo. Estes sujeitos tendem a desenvolver, em simultâneo, expectativas negativas em relação a si próprio e aos outros (Figueiredo, 1998).

Neste sentido, será importante ressaltar a importância que os maus tratos têm, também, na relação com os outros. No presente estudo observam-se alterações significativas na vinculação aos pares tendo em conta a ocorrência dos acontecimentos de vida *sentir-se ridicularizado* e *sentir que não é desejado*, na medida em que os adolescentes que dizem já ter vivenciado algum destes maus tratos, reportam níveis de vinculação aos pares significativamente inferiores quando comparados com aqueles que nunca vivenciaram tais situações.

Por um lado, as crianças e adolescentes generalizam as relações com os pais a outras relações de afeto, e se as experiências prévias forem pautadas por falta de disponibilidade, inconsistência e rejeição, futuramente, o adolescente vai criar expectativas semelhantes relativamente ao comportamento das pessoas com quem se irá cruzar ao longo da sua vida, tornando mais difícil o desenvolvimento e estabelecimento de relações de afeto e intimidade. No fundo, os efeitos adversos dos maus tratos não se cingem às relações familiares, generalizando-se, portanto, em toda a envolvente do seu desenvolvimento social e interpessoal, que será deficitário, envolvendo uma dificuldade proeminente na expressão emocional por parte destes adolescentes, e que afetará incontornavelmente as suas relações em geral (Figueiredo, 1998).

Por outro lado, podemos também considerar que o facto de se sentirem ridicularizado pode surgir no contexto da própria relação com os pais, e não da relação com os pares. Nesse caso, deveremos realçar questões delicadas e merecedoras de atenção na análise da adolescência, pois estão permanentemente em causa nesta fase do desenvolvimento: a autoestima e o

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas consequências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares

autoconceito do adolescente.

Os conceitos de autoestima e autoconceito estão intimamente ligados, sendo que o autoconceito se refere à representação que o sujeito tem de si mesmo, que é influenciado socialmente, e a autoestima resulta da avaliação que faz dessa representação que tem de si próprio, e expressa uma atitude de aprovação ou desaprovação por si e próprio e pelos outros (Feliciano, 2010). No fundo, a avaliação do *self* é o resultado da aceitação social percebida, das relações e da popularidade no grupo de pares (Barbosa, Matos & Costa, 2011).

Quando a autoestima e o autoconceito do adolescente são postas em causa, é expectável que se sinta inseguro. Na verdade, o estudo de Armsden e Greenberg (1987) já tinha concluído que a vinculação aos pares parecia estar fortemente relacionada com a autoestima. Ao mesmo tempo, é esperado que esta seja uma espécie relação mútua causa-efeito, confirmada nas conclusões do presente estudo, que evidenciam a influência que o facto de se sentir ridicularizado, pondo em causa a autoestima e o autoconceito do adolescente, tem na vinculação tendencialmente negativa que estabelece com o seu grupo de pares. Em suma, pode afirmar-se que da mesma forma que a relação com os pares é afetada pelo autoconceito e autoestima, essa mesma relação, em simultâneo, afeta a construção do autoconceito e da autoestima.

Não obstante, relativamente aos outros acontecimentos que demonstraram influenciar o tipo de vinculação estabelecido com pais e pares no presente estudo, não deixa de ser curioso que o *divórcio* dos pais afete de forma tendencialmente negativa a vinculação ao pai, e não tenha efeitos significativos na vinculação à mãe.

De facto, esta conclusão corrobora as conclusões de estudos prévios, que referem que, devido à figura paterna ser quem habitualmente sai de casa após o divórcio, o contacto passa a ser mais reduzido com o mesmo. Na realidade, os adolescentes que já vivenciaram um divórcio, evidenciam uma qualidade do laço emocional mais reduzida e uma ansiedade de separação unicamente com o pai, quando comparados com adolescentes que não vivenciaram tal situação. Desta forma, quando o pai sai de casa, poderá haver uma quebra no relacionamento com esta figura por parte do adolescente, que agora que está mais distante fisicamente do pai, também se sente mais distante emocionalmente (Moura & Matos, 2008; Sobolewski & Amato, 2007).

Por fim, relativamente à vivência da *ruptura de uma relação com alguém significativo*, este estudo denotou alterações significativas na vinculação tendo em conta a ocorrência de tal acontecimento, tanto no caso do pai, como no caso dos pares. Esta situação acaba por ser sentida pelo sujeito como uma perda que, inevitavelmente, afeta a forma como nos sentimos capazes de confiar e de nos sentirmos seguros com os outros. No fundo, a perda de alguém significativo é mais do que a perda em si só, “é a perda de uma parte de si, de um ideal” (Braconnier & Marcelli, 2003, p.31).

Na verdade, a perda e os sentimentos que dela advêm são difíceis de compreender e de aceitar pelo ser humano (Meireles & Lima, 2016). Todas

as perdas, independentemente da sua origem ou magnitude, acabam por ser “pequenos lutos” ao longo de toda a nossa vida. Assim, em todas as situações que o ser humano se depara com a ideia de perder, tem pela frente a difícil tarefa de lidar com tudo o que envolve a perda em questão, incluindo a confiança e a segurança que vão sendo afetadas, quer em si próprio, quer nos outros. No entanto, é de alguma forma contraditório que dois dos AV mais frequentes sejam relativos à morte (de alguém significativo ou de um familiar próximo), e nenhum destes AV tenha influências significativas na vinculação aos pais e aos pares. Este resultado pode dever-se ao facto de a morte ser aceite como parte integrante da vida, e não ponha diretamente em causa a confiança ou segurança que o sujeito percebe relativamente aos que lhe são mais chegados.

Em relação ao presente estudo, não deixa de ser importante referir que, tanto o pai como os pares, foram sempre figuras “secundárias”, sendo que em praticamente todos os domínios avaliados no IPPA, os adolescentes elegiam como figura primordial a mãe. Neste sentido, talvez por se sentirem fortemente seguros relativamente à mãe, a perda não seja uma situação influencie a forma como percebem a vinculação à mesma.

Em suma, a vinculação percebida aos pais e pares e o enfrentamento de acontecimentos de vida enquanto positivos ou negativos parecem influenciar-se mutuamente. Se, por um lado, os adolescentes que vivenciam determinados acontecimentos de vida evidenciam alterações a vinculação aos pais e aos pares, por outro lado, o enfrentamento dos acontecimentos de vida enquanto positivos ou negativos para o adolescente pode também depender do tipo de vinculação estabelecido com as figuras significativas da sua vida. Esta questão revela-se fulcral e, efetivamente, carece de um maior suporte na investigação empírica.

Conclusões

Tendo em consideração que a adolescência é, cada vez mais, vista como um processo transaccional complexo (Coleman, 2011), torna-se fulcral que se faça uma leitura compreensiva de todos os aspetos que constituem o mundo do adolescente.

Na realidade, as transformações corporais têm consequências físicas e psicológicas que se sucedem a um ritmo, por vezes, difícil de gerir. Há, nesta fase, inseguranças e preocupações (Sprinthall & Collins, 1988), e a maior dificuldade dos adolescentes surge, de facto, porque a maturação sexual surge mais cedo do que a maturação psicoafectiva, o que gera uma desarmonia evolutiva com a qual nem sempre o adolescente consegue lidar da melhor forma.

Não obstante, a par com todos os aspetos ligados às transformações pubertárias, o adolescente depara-se também com a necessidade de se tornar independente e autónomo dos seus pais, ao mesmo tempo que quer sentir-se compreendido por eles (Braconnier, 2003). Neste sentido, as relações interpessoais, ao longo da adolescência, sofrem alterações cruciais.

Se, por um lado, o adolescente se afasta dos pais e se sente cada vez menos compreendido por eles, ele encontra essa compreensão no seu grupo de pares, ao qual recorre frequentemente por sentir que podem partilhar preocupações e interesses comuns. Os amigos são, portanto, as novas figuras de referência e vinculação (Watters & Cummings, 2000), e a partilha, a compreensão e as experiências e sentimentos comuns são fundamentais na interdependência emocional que vai surgir relativamente a estas novas relações de vinculação (Oliveira, 2011; Sprinthall & Collins, 1988).

De facto, reduzir a adolescência às transformações pubertárias acaba por deixar de parte contextos fundamentais da vida do adolescente, nomeadamente no que concerne à dinâmica familiar, ao padrão de relações interpessoais e, por fim, à escola, tendo em conta que este é um local privilegiado de interação, e não apenas de aprendizagem (Braconnier, 2003).

É, portanto, fundamental que se compreenda a adolescência além da puberdade. Os contextos nos quais o adolescente cresce e se desenvolve são fundamentais, na medida em que todas as transformações nos mesmos afetam o adolescente. É, nesse sentido, que surge a pertinência do estudo dos acontecimentos de vida na adolescência, que motivou a prossecução deste estudo exploratório, e que abrange todos os contextos suprarreferidos.

A presente investigação pretendeu, portanto, ser um primeiro passo na compreensão do impacto que os acontecimentos de vida têm na adolescência, e de que forma é que a ocorrência de determinados acontecimentos potencialmente negativos tem influência na vinculação que os adolescentes percebem relativamente aos pais e aos pares.

As conclusões foram claras relativamente às diferenças no impacto dos acontecimentos de vida potencialmente negativos, quando comparados com os acontecimentos relativos às transformações da puberdade. Efetivamente, os adolescentes reportam uma afetação dos AV muito superior àquela que se refere aos AP, sendo que este sentimento é comum a ambos os

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas consequências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares

sexos – sem diferenças significativas –, o que vem reforçar, mais uma vez, a ideia de que é importante explorar a adolescência além da puberdade.

Além disso, há realmente AV que influenciam a forma como os adolescentes percebem a vinculação ao pai, à mãe e aos pares, o que torna a questão anterior ainda mais pertinente para a compreensão da adolescência.

Neste sentido, a presente investigação evidenciou que situações de maus tratos, sejam eles físicos ou psicológicos, afetam de forma proeminente a forma como os adolescentes se sentem seguros relativamente a ambos os pais e aos pares, reforçando estudos prévios no domínio da vinculação e dos maus tratos (e.g. Figueiredo, 1998), o que, conseqüentemente, irá fazer com que expectativas que formulam relativamente aos outros e a si próprios sejam negativamente influenciadas (Figueiredo, 1998).

As situações de maus tratos têm, cada vez mais, uma importância preponderante na atualidade, sendo meritórias da nossa atenção em todas as idades, na medida em que os relatórios dos últimos anos da CPCJ (2014) reportam alguns maus tratos englobados nas situações mais dominantes nos processos instaurados.

Nomeadamente nesta fase em que a identidade se está a formar, e que estão em jogo processos de identificação, devemos ter especial atenção a este tipo de situações, pois podem ter conseqüências a médio e longo prazo, não só ao nível da vinculação, mas também em termos de repetição de comportamentos.

De facto, perante os resultados desta investigação, é indiscutível que os maus tratos, sejam eles por parte dos pais ou dos pares, têm conseqüências negativas nos padrões de vinculação estabelecidos com essas figuras de vinculação, na medida em que os adolescentes que referem já ter sido vítimas de qualquer tipo de maus tratos reportam valores significativamente mais baixos relativamente àquelas que nunca vivenciaram situações semelhantes.

No caso concreto da vinculação aos pares, os maus tratos podem ter surgido por parte dos amigos ou dos pais. Quando os maus tratos surgem da parte dos pais, a vinculação aos pares é afetada na medida em que o adolescente generaliza a relação com os pais para as outras relações interpessoais (Figueiredo, 1988), ao passo que no caso dos maus tratos surgirem por parte dos amigos, as questões que estão inerentes às conseqüências que estes maus tratos têm na vinculação estão ligadas, sobretudo, à autoestima, à autoimagem e ao autoconceito.

No entanto, ter em consideração as conseqüências dos maus tratos apenas na vinculação estabelecida com as figuras de vinculação seria redutor. Tal como foi referido anteriormente, esta é uma fase em que os processos de identificação são fundamentais para a construção da identidade, que agora se constrói de uma forma mais evidente e se vai mantendo relativamente estável.

Com efeito, se por um lado a vivência de maus tratos afeta a vinculação, por outro pode fazer com que o adolescente também aprenda e repita esses comportamentos nos vários contextos da sua vida, havendo uma

possibilidade aumentada de se tornar num indivíduo agressivo. Na realidade, Bandura (1977), na sua teoria da aprendizagem social, já tinha alertado para a importância da observação e consequente aprendizagem de comportamentos agressivos por parte das crianças. No caso da adolescência, essa situação pode ter consequências ainda mais inquietantes, na medida em que a identidade que constroem nesta fase tende, de uma forma ou de outra, a manter-se.

Por outro lado, os resultados do presente estudo realçaram também alterações na vinculação quando há ocorrência de um divórcio parental. Não deixa de ser curioso que apenas a vinculação ao pai seja significativamente afetada de uma forma negativa depois dos pais se divorciarem. Se o divórcio é uma decisão de ambos os pais, porque é que a mãe continua a ser uma figura de vinculação segura para os adolescentes, e o pai “perde” esse lugar? Apesar de esta não ser uma conclusão, de alguma forma, esperada, há estudos prévios (e.g. Moura & Matos, 2008; Sobolewski & Amato, 2007) que justificam esta diferença pelo facto de ser o pai a figura que habitualmente sai de casa e que, por isso, se torna mais distante, não só física, mas sobretudo emocionalmente, o que faz com que haja essas alterações ao nível da vinculação ao pai.

Não obstante, tendo em consideração que os resultados desta investigação também apontam para a existência de diferenças significativas na vinculação no caso dos adolescentes que já sofreram a rutura da relação com alguém significativo, também é de realçar que as alterações ocorrem apenas no caso do pai e dos pais. Apesar de esta situação ser encarada, de alguma forma, como uma perda, é inevitável que o sofrimento e a incompreensão inerentes à mesma não afetem o adolescente. No entanto, esta situação apenas afetou a vinculação às figuras que foram tidas como “secundárias” em várias situações no contexto desta investigação, isto é, o pai e os pais, evidenciando claramente que quando os adolescentes se sentem seguros – como acontece relativamente à mãe – este tipo de situação não afeta os seus padrões relacionais.

Na realidade, esta questão prende-se com outra conclusão pertinente neste estudo. Se, por um lado, o presente estudo incidiu na exploração da forma como os AV afetavam a vinculação percebida relativamente aos pais e aos pais, por outro lado, seria importante perceber de que forma é que o inverso também ocorre, isto é, de que forma é que a vinculação percebida relativamente aos pais e aos pais funciona como um fator protetor ou de risco em relação ao enfrentamento dos acontecimentos de vida.

Efetivamente, os acontecimentos de vida podem ser encarados como positivos ou negativos tendo em consideração vários fatores como as estratégias de *coping* e a resiliência do indivíduo. Mas não estará também a vinculação percebida relativamente às figuras significativas relacionada com a forma como o adolescente percebe os acontecimentos de vida?

De facto, deve ser explorada esta evidência de que a vinculação percebida relativamente às figuras de maior importância na vida do adolescente pode funcionar como um fator de proteção ou de risco no enfrentamento dos acontecimentos de vida, na medida em que pode também

contribuir para a eficácia da ativação das estratégias de *coping* do adolescente e, conseqüentemente, na resiliência perante as adversidades, o que será fulcral no enfrentamento dos acontecimentos de vida enquanto positivos ou negativos.

Tendo em consideração todas as conclusões que foram obtidas através da análise dos resultados desta investigação, de uma forma geral, o motivo que impulsionou o estudo foi justificado, bem como a sua pertinência na atualidade.

Apesar de ter havido limitações, nomeadamente devido ao facto de ter sido construída uma nova escala de avaliação, o que implica sempre uma ponderação e responsabilidade acrescidas, os resultados foram bastante sugestivos e indicadores de que, de facto, este é um tema que merece ser explorado amplamente.

Em relação às limitações deste estudo e sugestões para estudos vindouros, em primeiro lugar deve referir-se que é quase uma “tarefa inglória” reduzir a infinidade de acontecimentos de vida possíveis de incluir na escala construída, num qualquer grupo de acontecimentos que pareçam mais pertinentes de avaliar na adolescência. Na realidade, os acontecimentos de vida selecionados a propósito da presente investigação não esgotam, de forma alguma, as imensas possibilidades.

Por outro lado, os acontecimentos da puberdade foram, de facto, uma minoria na construção da escala. Apesar de no cálculo das comparações entre os AV e os AP ter sido atribuído um peso ponderado que equiparasse os dois grupos ao mesmo nível, havia diferenças entre os AP nas raparigas e nos rapazes, o que pode transmitir a ideia de que a escala está desequilibrada relativamente aos seus componentes.

Além disso, o facto de ter sido aplicada uma escala nova a uma população de apenas 120 adolescentes faz com que os resultados obtidos em relação à mesma careçam de ser sustentados, numa próxima fase, por uma amostra maior que dê mais suporte às conclusões obtidas no presente estudo.

Não obstante, houve questões que se foram levantando ao longo da investigação, e mesmo depois da observação dos resultados, que surgem como sugestões para próximos estudos. Em primeiro lugar, seria fundamental explorar o impacto dos AV na relação com a fratria. Que conseqüências têm os AV na relação e na vinculação aos irmãos? Sendo uma parte fundamental da família e da dinâmica familiar, era importante que se explorasse o impacto que os AV têm na relação do adolescente com os irmãos.

Em segundo lugar, poderia ter sido feita uma análise por idades, já que a adolescência pode ser subdividida em várias fases, e em todas elas o tipo de percepção e avaliação que o adolescente faz das situações são diferentes. Seria fundamental perceber se a percepção que se tem dos AV e dos AP, e se as conseqüências dos AV na vinculação, se alteram tendo em conta a fase da adolescência em que o sujeito se encontra.

Em terceiro lugar, talvez fosse vantajoso e enriquecedor incluir no protocolo um questionário de avaliação do autoconceito (e.g. Piers-Harris – Children’s Self-Concept Scale; ou ICAC – Inventário Clínico de

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas conseqüências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares

Autoconceito), tendo em conta que os AP e alguns AV estão ligados à autoestima e ao autoconceito. Desta forma, conseguiríamos perceber se de facto a ocorrência de determinados AV e AP afetam o autoconceito do adolescente, de forma a explorar, eventualmente, as consequências que essa afetação teria na vida do adolescente.

Em suma, esta investigação pretende ser apenas um primeiro passo rumo a uma compreensão mais extensa e aprofundada acerca do mundo tão complexo que é a vida do adolescente, de modo a que, conseqüentemente, nos seja possível intervir de uma forma mais ativa nos problemas inerentes a esta fase do desenvolvimento.

Bibliografia

- Aggarwal, S., Prabhu, A. R. H., Anand, A., & Kotwal, A. (2007). Stressful life events among adolescents. The development of a new measure. *Indian Journal of Psychiatry*, 49(2), 96-102. Available from: <http://www.indianjpsychiatry.org/text.asp?2007/49/2/96/33255>
- Alves-Martins, M., Peixoto, F., Gouveia-Pereira, Amaral, V., & Pedro, I., (2002). Self-esteem and academic achievement among adolescents. *Educational Psychology*, 22, 51-62.
- Anastácio, S. (2013). *Estudo da relação entre empatia e a vinculação aos pais e aos pares na adolescência*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Armsden, G. C., & Greenberg, M. T. (1987). The Inventory of Parent and Peer Attachment: Individual differences and their relationship to psychological wellbeing in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 16(5), 427-453.
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2011). Manual Crianças e Jovens vítimas de violência: compreender, intervir e prevenir.
- Bandura, A. (1977). *Social learning theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Barbosa, Matos & Costa (2011). As relações de vinculação e a imagem corporal: exploração de um modelo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Vol. 27, n. 3, pp. 273-282
- Bowlby, J. (1984). *Apego e Perda*. São Paulo: Martins Fontes.
- Braconnier, A., Marcelli, D. (2000). *As mil faces da adolescência*. Climepsi Editores.
- Braconnier, A. (2002). *Guia da Adolescência: Primeiro Volume*. Prefácio-Edição de Livros e Revistas, Lda.
- Braconnier, A. (2003). *Guia da Adolescência: Segundo Volume*. Prefácio-Edição de Livros e Revistas, Lda.
- Braconnier, A., Marcelli, D. (2005). *Adolescência e Psicopatologia*. Climepsi Editores.
- Buist, K., Dekovic, M., Meeus, W., & Aken, M. (2002). Developmental Patterns in Adolescent Attachment to Mother, Father and Sibling. *Journal of Youth and Adolescence*, 31, 167-176.
- Claes, M. (1985). *Os problemas da adolescência*. Lisboa: Verbo.
- Comissão Nacional de Proteção das Crianças e Jovens em Risco (2016). Relatório Anual de Avaliação da Atividade das CPCJ no ano de 2015. Retirado da Web site: http://www.cnpcjr.pt/preview_documentos.asp?r=5752&m=PDF
- Coleman, J. (2011). *The Nature of Adolescence*. London: Routledge
- Compas, B. E., Champion, J. E. & Reeslund, K. R. (2005). Coping with stress: Implications for preventive interventions with adolescents. *The Prevention Researcher*, 12, 17-20. Reprinted in Stickle, F.E. (ed), (2008), *Adolescent Psychology, 6th ed*. New York: McGraw-Hill.
- Cordeiro, M. (2003). Maus tratos a crianças e adolescentes. Chegou o momento de dizer «basta!». *Revista Portuguesa de Clínica Geral*;

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas consequências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares

- 19: 151-160.
- Cordeiro, R. A. (2006). Aparência física e amizade íntima na adolescência: estudo num contexto pré-universitário. *Análise Psicológica*, 4(XXIV), 509-517.
- Dell'Aglio, D. D., & Hutz, C. S. (2002). Estratégias de *coping* de crianças e adolescentes em eventos estressantes com pares e com adultos. *Psicologia USP*, 13 (2), 203-225.
- Dell'Aglio, D. D. (2003). O processo de *coping* em crianças e adolescentes: adaptação e desenvolvimento. *Temas em Psicologia*, 11 (1), 38-45.
- Dias Cordeiro, J. (1979). *O adolescente e a família: abordagem educativa e psicoterapêutica na perspectiva familiar*. Lisboa: Moraes.
- Dias Cordeiro, J. (1988). *Os adolescentes por dentro*. Lisboa: Salamandra
- Erikson, E. (1972). *Adolescence et crise*. Paris: Flammarion.
- Feliciano, I. (2010). *Estudo sobre a autoestima em adolescentes dos 12 aos 17 anos*. Dissertação de Mestrado, Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal.
- Félix, A. (2011). *Acontecimentos de vida negativos e as perturbações do comportamento alimentar*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Algarve, Algarve, Portugal.
- Ferreira, A., & Ferreira, J. (2000). Ideias para uma perspectiva histórica da adolescência. In Medeiros, T., *Adolescência: Abordagens, investigações e contextos de desenvolvimento* (pp.29-39). Direção Regional de Educação.
- Ferreira, A., & Ferreira, J. (2000). A adolescência e o grupo de pares. In Medeiros, T., *Adolescência: Abordagens, investigações e contextos de desenvolvimento* (pp.198-209). Direção Regional de Educação.
- Ferreira, A. (2015). *Linguagem e Vinculação em Crianças Vítimas de Negligência Parental: Um estudo exploratório*. Projeto de investigação: Intervenção Psicossocial em Crianças e Jovens em Risco, Escola Superior de Educação de Viseu, Viseu, Portugal.
- Figueiredo, B. (1998). Maus tratos à criança e ao adolescente (I): Situação e enquadramento da problemática. *Psicologia: Teoria, investigação e prática*.3. 5-20.
- Figueiredo, B. (1998). Maus tratos à criança e ao adolescente (II): Considerações a respeito do impacto desenvolvimental. *Psicologia: Teoria, investigação e prática*.3. 197-216.
- Guedenay & Guedenay (2004). *Vinculação: conceitos e aplicações*. Lisboa: Climepsi.
- Holmes, H. & Rahe, H. (1967) "The Social Readjustment Rating Scale", *Journal of Psychosomatic Research*, Vol. 11, 213-21.
- Jimerson, S. R., & Ferguson, P. (2007). A longitudinal study of grade retention: Academic and behavioral outcomes of retained students through adolescence. *School Psychology Quarterly*, 22, 314–339.
- Machado, T. S., & Oliveira, M. (2007). Vinculação aos pais em adolescentes portugueses: o estudo de Coimbra. *Psicologia e Educação*, 6, 97-115.
- Maciel, N., & Rebelo, O. (2010). Da puberdade à adolescência:

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas consequências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares

- desenvolvimento físico, fisiológico e sexual. In Medeiros, T., *Adolescência: Desafios e riscos* (pp.161-182). Coleção Psicologia e Educação, 3. Ponta Delgada; Letras Lavadas edições.
- Maia, A., Guimarães, C., Magalhães, E., Capitão, L., Campos, M., & Capela, S. (2006) Experiências adversas e funcionamento atual: um estudo com jovens portugueses. *Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*, 6, 54-73. Lisboa: Associação Portuguesa de Psicologia.
- Maia, A. & Resende, C. (2008). Dados de exposição potencialmente traumática na população portuguesa utilizando as versões portuguesas do Life Events Checklist e o Life Stressor Checklist – Revised. In Norounha, A. et al, *Avaliação Psicológica: formas e contextos: actas da Conferencia Internacional sobre avaliação psicológica*, 13. Braga: Psiquilíbros Edições.
- Margis, R., Picon, P., Cosner, A. F., & Silveira, R. O. (2003). Relação entre estressores, estresse e ansiedade. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 25 (Supl. 1), 65-74.
- Medeiros, T. (2010). O conceito e adolescência revisitado. In Medeiros, T., *Adolescência: Desafios e riscos* (pp.27-46). Coleção Psicologia e Educação, 3. Ponta Delgada, Letras Lavadas edições.
- Meireles, I. & Lima, F. (2016). O Luto na Fase Adulta: Um Estudo Sobre a Relação Apego e Perda na Teoria de John Bowlby. *Revista Ciências Humanas - Educação e Desenvolvimento Humano – UNITAU*, v.9, n1, edição 16, p. 92 - 10
- Mello, M., Schoedl, A., Pupo, M., Souza, A., Andreoli, S., Bressan, R., & Mari, J. (2010). Adaptação transcultural e consistência interna do Early Trauma Inventory (ETI). *Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro*, 26 (4). 713-724.
- Model, J., Furstenberg, F., & Hershberg, T. (1976). Social change and the transition to adulthood in historical perspective. *Journal of Family History*, 1, 7-32.
- Moura & Silva (2007). Reprovação escolar: discutindo mitos e realidade. In *Simpósio de Educação*. Cascavel: EDUNIOESTE.
- Moura, O., & Matos, P. M. (2008). Vinculação aos pais, divórcio e conflito interparental em adolescentes. *Psicologia*, 22 (1), 127-152
- Neves, L., Soares, I., & Silva, M. C. (1999). Inventário de Vinculação na Adolescência (I.P.P.A.). In M. R. Simões, M. Gonçalves, & L. Almeida, *Testes e Provas Psicológicas em Portugal* (Vol. 2, pp. 3748). Braga: Sistemas Humanos e Organizacionais.
- Noller, P., & Callan, V. (1991). *The Adolescent in The Family*. London: Routledge.
- Oliveira, A. (2011). *Qualidade da vinculação aos pais como prognóstico para relações de amizade de qualidade na adolescência*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, Portugal.
- Peixoto, F. (2003). *Autoestima, autoconceito e dinâmicas relacionais em contexto escolar: Estudo das relações entre autoestima,*

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas consequências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares

- autoconceito, rendimento académico e dinâmicas relacionais com a família e com os pares em alunos do 7º, 9º e 11º anos de escolaridade.* Tese de Doutoramento, Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Polleto & Koller (2008). Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. *Estudos de Psicologia*, 25, 405-416.
- Pereira, A., Nunes, C., Lemos, I. & Ayala-Nunes, L. (2003). Acontecimentos de vida negativos e qualidade de vida percebida pelos adolescentes. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 14(2), 321-328.
- Pestana, N. & Gageiro, J. (2005). *Análise de dados para as ciências sociais: a complementaridade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Ramos, R. C. (2004). *Acontecimentos de vida na infância e percepção de stress na adultez*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Rebelo, J. (2009). Efeitos da retenção escolar, segundo os estudos científicos, e orientações para uma intervenção eficaz: Uma revisão. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 27-52.
- Rumberger, R.W. (1995). Dropping out of middle school: A multilevel analysis of students and schools. *American Educational Research Journal*, 32, 583-625.
- Sarason, I.G., Johnson, J. H., & Siegel, J. M. (1978). Assessing the impact of life changes: Development of the life experiences survey. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 46 (5), 932-946
- Silva, A. (2004). *Desenvolvimento de competências sociais nos adolescentes: perspetiva de prevenção em saúde mental na adolescência*. Lisboa, Climepsi Editores.
- Silva, A. (2011). *Vinculação e inteligência emocional: um percurso ao longo do ciclo vital*. Tese de Mestrado, Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal.
- Silva, N. (2014). *Teoria da Vinculação*. Tese de Mestrado, Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Silva, S., & Maia, A. (2008). Versão portuguesa do Family ACE Questionnaire. In: Noronha, A., Machado, C., Almeida, L., Gonçalves, M., Martins, S., & Ramalho, V. *Atas da XIII Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*. Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Siminonato-Tozo, S. M. P. & Biasoli-Alves, Z. M. M. (1998). O cotidiano e as relações familiares em duas gerações. *Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação*, 8(14/15), 137-150.
- Simmons, R. G., D. A. Blyth, E. F. Van Cleave, & D. Bush (1979). Entry into Early Adolescence: The Impact of School Structure, Puberty, and Early Dating on Self-Esteem. *American Sociological Review*, 44, 948-67.
- Sprinthall, N., & Collins, W. (1988). *Psicologia do Adolescente*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sobolewsky & Amato (2007). Parents' Discord and Divorce, Parent-Child Relationships and Subjective Well-Being in Early Adulthood: Is

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas consequências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares

- Feeling Close to Two Parents Always Better than Feeling Close to One?. *Social Forces*, 87, 1105-1124.
- Vaz Serra, A. (2000). A vulnerabilidade ao stress. *Psiquiatria Clínica*, 21 (4), 261-278.
- Vaz, M. (2011). *Vinculação à mãe, ao pai e ao grupo de pares e a sua relação com a delinquência juvenil*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, Portugal.
- Waters, E., & Cummings, E. M. (2000). A secure base from which to explore close relationships. *Child Development*, 71, 164-172.
- Wilkinson, R.B. (2004). The role of parental and peer attachment in the psychological health and self-esteem of adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 33, 479-493.

Anexos

Anexo 1: Protocolo de Investigação

1. Declaração de Consentimento Informado
2. Questionário Sociodemográfico
3. Impacto dos Acontecimentos de Vida na Adolescência (IAVA)
4. Inventário de Vinculação aos Pais e Pares (IPPA)

Anexo 2: Tabelas de Resultados

1. Frequência dos AV e diferenças por género

Anexo 1: Protocolo de Investigação

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas consequências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares

Liliana Marques (e-mail: Liliana.marques22@hotmail.com) 2016

1. Declaração de Consentimento Informado

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Venho, por este meio, solicitar a colaboração do seu educando num projeto de investigação científico no âmbito do Mestrado Integrado em Psicopatologia e Psicoterapias Dinâmicas, pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, sob a orientação do Professor Doutor Eduardo Sá.

A adolescência é uma etapa fulcral na construção da identidade de cada indivíduo, sendo, por excelência, uma fase repleta de desafios e mudanças, o que pressupõe uma readaptação constante dos adolescentes à nova realidade com que se deparam. Neste sentido, surge a pertinência do estudo do impacto dos Acontecimentos de Vida nesta etapa do desenvolvimento humano, que constituem o objeto de estudo desta investigação, por serem determinantes na forma como o sujeito se vai relacionar consigo próprio e com os outros. Para isso, serão usadas duas escalas: O Impacto dos Acontecimentos de Vida na Adolescência, de forma a perceber de que modo é que os referidos Acontecimentos de Vida afetam, ou não, os adolescentes, e o Inventário de Vinculação de Pais e Pares, que pretende avaliar os níveis de segurança que os adolescentes e os jovens adultos percebem em relação aos seus pais e pares.

Caso persista alguma dúvida relativamente à sua participação neste projeto, poderá e deverá esclarecê-las com o investigador.

Acrescento, ainda, que a confidencialidade dos dados disponibilizados é assegurada, não sendo revelados os nomes daqueles que colaborarem no estudo. Os resultados obtidos serão apenas utilizados para fins de investigação, numa perspetiva global e não individualizada.

A participação do seu educando é voluntária, pelo que tem o direito de decidir livremente a aceitar, recusar ou desistir deste estudo, em qualquer momento da sua realização. Se optar pela participação, é crucial que este não deixe nenhuma questão por responder, respondendo de uma forma sincera e espontânea.

Agradeço, desde já, a disponibilidade.

Declaro que li e concordo com os termos da investigação acima descritos, decidindo, livremente, participar neste projeto de investigação.

Data ____/____/____

Assinatura do representante legal do respondente:

A Investigadora Responsável: Liliana Marques
Assinatura:

2. Questionário Sociodemográfico

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Informações sobre o sujeito:

1. Código(iniciais do nome,ex.:Ana Sofia Carvalho: ASC): _____
2. Idade: _____
3. Ano de Escolaridade: _____
4. Sexo:
Feminino Masculino
5. Localidade de Residência: _____
6. Agregado familiar (com quem vives):

Informações Familiares:

	Idade	Estado Civil	Habilitações Literárias	Profissão
Pai				
Mãe				

7. Tens irmãos? _____ 8. Se sim, quantos? _____
9. Idade dos irmãos: _____
10. Os teus irmãos vivem contigo? Sim Não

3. Impacto dos Acontecimentos de Vida na Adolescência (IAVA)

IMPACTO DOS ACONTECIMENTOS DE VIDA NA ADOLESCÊNCIA

Este questionário é sobre o impacto dos acontecimentos de vida na adolescência, isto é, sobre a forma como os acontecimentos de vida afetam os adolescentes. **Os resultados obtidos são inteiramente confidenciais e anônimos, servindo unicamente para efeitos de estudo, numa perspetiva global e não individualizada.** Por favor, leia cuidadosamente as instruções de cada parte do questionário.

PARTE I

Esta parte refere-se unicamente à **ocorrência, ou não**, dos acontecimentos de vida referidos, no decurso da adolescência. Por favor, para cada afirmação, **assinale com uma cruz** se essa situação se aplicou a si durante a sua adolescência (“aconteceu-me”) ou não (“não me aconteceu”).

	Aconteceu-me	Não me aconteceu
1. Os meus pais divorciaram-se.		
2. Um dos meus pais foi despedido.		
3. Um dos meus pais teve um caso extraconjugal.		
4. Tive problemas no envolvimento sexual/íntimo com o/a meu/minha namorado/a.		
5. Sofri a morte de um familiar próximo.		
6. Sofri a morte de um amigo ou alguém significativo.		
7. Sinto/senti-me ridicularizado ou envergonhado.		
8. Sinto/senti que não fui/não sou desejado.		
9. Sinto que fui vítima de negligência por parte dos meus pais.		
10. Fui vítima de violência física ou psicológica.		
11. Fui vítima de abuso sexual.		
12. Os meus pais consomem álcool, drogas e/ou outras substâncias.		
13. Repeti, pelo menos, um ano letivo.		
14. Sofri a rutura de uma relação com um(a) namorado(a).		
15. Sofri a rutura de uma relação com alguém importante para mim.		
16. Alguém da minha família tem problemas psicológicos/emocionais.		
17. Os meus pais têm tido mais discussões.		
18. Os meus pais passam muito tempo longe de casa.		

PARTE II

Esta parte é referente ao impacto – **real ou imaginado** – dos acontecimentos de vida e da puberdade no decurso da adolescência, isto é, sobre a forma como os acontecimentos de vida e as transformações físicas típicas da puberdade afetam os adolescentes. Por favor, **leia cada uma das afirmações** e faça um círculo à volta do número que corresponde ao impacto – **real ou imaginado** - de cada um dos factos mencionados. Neste sentido, no caso de não terem ocorrido consigo, por favor, **responda com base na forma como considera que se sentiria afetado caso acontecessem.**

<p>1 – Não me afeta 2 – Afeta-me pouco 3–Afeta-me moderadamente 4 – Afeta-me muito</p>

	Não me afeta	Afeta-me pouco	Afeta-me moderadamente	Afeta-me muito
1. Os meus pais divorciaram-se.	1	2	3	4
2. Um dos meus pais foi despedido.	1	2	3	4
3. Um dos meus pais teve um caso extraconjugal.	1	2	3	4
4. Tive problemas no envolvimento sexual/íntimo com o/a meu/minha namorado/a.	1	2	3	4
5. Sofri a morte de um familiar próximo.	1	2	3	4
6. Sofri a morte de um amigo ou alguém significativo.	1	2	3	4
7. Sinto-me/senti-me ridicularizado ou envergonhado.	1	2	3	4
8. Sinto/senti que não sou/não fui desejado.	1	2	3	4
9. Sinto que fui vítima de negligência por parte dos meus pais.	1	2	3	4
10. Fui vítima de violência física ou psicológica.	1	2	3	4
11. Fui vítima de abuso sexual.	1	2	3	4
12. Os meus pais consomem álcool, drogas e/ou outras substâncias.	1	2	3	4
13. Repeti, pelo menos, um ano letivo.	1	2	3	4
14. Sofri a rutura de uma relação com um(a) namorado(a).	1	2	3	4

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas consequências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares

15. Sofri a rutura de uma relação com alguém importante para mim.	1	2	3	4
16. Alguém da minha família tem problemas psicológicos/emocionais.	1	2	3	4
17. Os meus pais têm tido mais discussões.	1	2	3	4
18. Os meus pais passam muito tempo longe de casa.	1	2	3	4
19. Apareceram-me muitas borbulhas.	1	2	3	4
20. O meu peito e as minhas ancas aumentaram de tamanho (no caso das raparigas). <u>OU</u> O meu pénis e os meus testículos aumentaram de tamanho (no caso dos rapazes).	1	2	3	4
21. Nasceram-me pelos púbicos.	1	2	3	4
22. Apareceu-me barba ou bigode (no caso de ser rapaz. Se for rapariga, ignore este item).	1	2	3	4
23. A minha voz ficou mais grave (no caso de ser rapaz. Se for rapariga, ignore este item).	1	2	3	4
24. Iniciou-se o meu ciclo menstrual (no caso das raparigas). <u>OU</u> Tive a minha primeira ejaculação (no caso dos rapazes).	1	2	3	4

4. Inventário de Vinculação aos Pais e Pares (IPPA)

QUESTIONÁRIO SOBRE O RELACIONAMENTO COM OS PAIS E OS AMIGOS

Este questionário é sobre as suas **relações com as pessoas importantes para si** – a sua mãe, o seu pai, e os seus amigos mais chegados. Por favor, lea cuidadosamente as instruções de cada parte do questionário.

PARTE I

Cada uma das seguintes afirmações constitui uma pergunta acerca dos seus sentimentos para com a sua **mãe** ou a **pessoa que desempenhou o papel de mãe**. Se tem mais de uma pessoa nessas circunstâncias (ou seja, a mãe biológica e mãe adotiva, madrinha, avó, etc.) responda às perguntas tomando como referência aquela que mais o influenciou. Por favor, leia cada uma das afirmações e faça um círculo à volta do número que corresponda à afirmação que considere mais verdadeira neste momento.

	Nunca ou quase nunca verdade				Quase sempre ou sempre verdade
1. A minha mãe respeita os meus sentimentos.	1	2	3	4	5
2. Acho que a minha mãe é uma boa mãe.	1	2	3	4	5
3. Gostava de ter uma mãe diferente da que tenho.	1	2	3	4	5
4. A minha mãe aceita-me tal como sou.	1	2	3	4	5
5. Gosto sempre de saber a opinião da minha mãe sobre coisas que são importantes para mim.	1	2	3	4	5
6. Acho inútil dar a conhecer os meus sentimentos à minha mãe.	1	2	3	4	5
7. Mesmo quando estou fora de mim, sou capaz de escutar o que a minha mãe me queira dizer.	1	2	3	4	5
8. Tenho vergonha (ou acho patético) falar dos meus problemas à minha mãe.	1	2	3	4	5
9. A minha mãe espera demasiado de mim.	1	2	3	4	5
10. Perco a cabeça facilmente com a minha mãe.	1	2	3	4	5
11. Fico fora de mim mais	1	2	3	4	5

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas consequências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares

frequentemente do que a minha mãe pensa.					
12. Quando conversamos sobre qualquer assunto, a minha mãe tem em devida conta as minhas opiniões.	1	2	3	4	5
13. A minha mãe confia na minha capacidade de ajuizar as coisas.	1	2	3	4	5
14. Não aborreço a minha mãe com os meus problemas, pois ela já tem os dela.	1	2	3	4	5
15. A minha mãe ajuda-me a eu compreender-me melhor a mim próprio.	1	2	3	4	5
16. Costumo falar à minha mãe dos meus problemas ou complicações.	1	2	3	4	5
17. A minha mãe irrita-me.	1	2	3	4	5
18. A minha mãe não me dá muita atenção.	1	2	3	4	5
19. A minha mãe ajuda-me a falar acerca das minhas próprias dificuldades.	1	2	3	4	5
20. A minha mãe compreende-me.	1	2	3	4	5
21. Quando me irrita com qualquer coisa a minha mãe procura ser compreensiva.	1	2	3	4	5
22. Confio na minha mãe.	1	2	3	4	5
23. A minha mãe não compreende o que é a minha vida.	1	2	3	4	5
24. Posso contar com a minha mãe quando preciso de me ver livre de algum peso que tenho dentro de mim.	1	2	3	4	5
25. Quando a minha mãe percebe que tenho alguma coisa que me aborrece, pergunta-me sempre o que tenho.	1	2	3	4	5

PARTE II

Esta parte refere-se a perguntas acerca dos seus sentimentos sobre o seu **pai**, ou a **pessoa que desempenhou o papel de pai**. Se tem mas do que uma pessoa nestas circunstâncias (ou seja, pai biológico e pai adotivo, padrinho, tio, etc.) responda às perguntas tomando como referência aquele que acha que mais o influenciou.

	Nunca ou quase nunca verdade				Quase sempre ou sempre verdade
1. O meu pai respeita os meus sentimentos.	1	2	3	4	5
2. Acho que o meu pai é um bom pai.	1	2	3	4	5
3. Gostava de ter um pai diferente do que tenho.	1	2	3	4	5
4. O meu pai aceita-me tal como sou.	1	2	3	4	5
5. Gosto sempre de saber a opinião do meu pai sobre coisas que são importantes para mim.	1	2	3	4	5
6. Acho inútil dar a conhecer os meus sentimentos ao meu pai.	1	2	3	4	5
7. Mesmo quando estou fora de mim, sou capaz de escutar o que o meu pai me tenha para dizer.	1	2	3	4	5
8. Tenho vergonha (ou acho patético) falar dos meus problemas ao meu pai.	1	2	3	4	5
9. O meu pai espera demasiado de mim.	1	2	3	4	5
10. Perco a cabeça facilmente com o meu pai.	1	2	3	4	5
11. Fico fora de mim mais frequentemente do que o meu pai pensa.	1	2	3	4	5
12. Quando conversamos sobre qualquer assunto, o meu pai tem em consideração as minhas opiniões.	1	2	3	4	5
13. O meu pai confia na minha capacidade de ajuizar as coisas.	1	2	3	4	5
14. Não aborreço o meu pai com os meus problemas, pois	1	2	3	4	5

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas consequências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares

ele já tem os dele.					
15. O meu pai ajuda-me a compreender melhor a mim próprio.	1	2	3	4	5
16. Costumo falar ao meu pai dos meus problemas ou complicações.	1	2	3	4	5
17. O meu pai irrita-me.	1	2	3	4	5
18. O meu pai não me dá muita atenção.	1	2	3	4	5
19. O meu pai ajuda-me a falar acerca das minhas próprias dificuldades.	1	2	3	4	5
20. O meu pai compreende-me.	1	2	3	4	5
21. Quando me irrita com qualquer coisa, o meu pai procura ser compreensivo.	1	2	3	4	5
22. Confio no meu pai.	1	2	3	4	5
23. O meu pai não compreende o que é a minha vida.	1	2	3	4	5
24. Posso contar com o meu pai quando preciso de me ver livre de algum peso que tenho dentro de mim.	1	2	3	4	5
25. Quando o meu pai percebe que tenho alguma coisa que me aborrece, pergunta-me sempre o que tenho.	1	2	3	4	5

PARTE III

Esta parte refere-se a perguntas acerca dos seus sentimentos e das suas relações com os seus amigos. Por favor, leia cada afirmação e faça um círculo no número que corresponde à afirmação que considere mais verdadeira neste momento.

	Nunca ou quase nunca verdade				Quase sempre ou sempre verdade
1. Gosto sempre de saber a opinião dos meus amigos sobre os assuntos que me dizem respeito.	1	2	3	4	5
2. Mesmo quando estou fora de mim por qualquer motivo, sou capaz de escutar o que os meus amigos me queiram dizer.	1	2	3	4	5
3. Quando falo de qualquer assunto com os meus amigos, eles têm em consideração os meus pontos de vista.	1	2	3	4	5
4. Tenho vergonha, ou acho patético, falar dos meus problemas com os meus amigos.	1	2	3	4	5
5. Gostava que os meus amigos fossem diferentes daquilo que são.	1	2	3	4	5
6. Os meus amigos compreendem-me.	1	2	3	4	5
7. Os meus amigos ajudam-me a eu falar das minhas próprias dificuldades.	1	2	3	4	5
8. Os meus amigos aceitam-me como sou.	1	2	3	4	5
9. Sinto necessidade de estar com os meus amigos, muito frequentemente.	1	2	3	4	5
10. Os meus amigos não percebem o que é que eu ando a fazer na vida.	1	2	3	4	5
11. Sinto-me só, ou marginalizado, quando estou com os meus amigos.	1	2	3	4	5

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas consequências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares

Liliana Marques (e-mail: Liliana.marques22@hotmail.com) 2016

12. Os meus amigos dão atenção ao que eu digo.	1	2	3	4	5
13. Acho que os meus amigos são bons amigos.	1	2	3	4	5
14. Tenho bastante facilidade em falar com os meus amigos sobre qualquer assunto.	1	2	3	4	5
15. Quando estou irritado com qualquer coisa, os meus amigos procuram compreender-me.	1	2	3	4	5
16. Os meus amigos ajudam-me a eu compreender-me melhor.	1	2	3	4	5
17. Os meus amigos têm em consideração a minha maneira de ser.	1	2	3	4	5
18. Irrito-me com os meus amigos.	1	2	3	4	5
19. Quando tenho algum problema grave posso contar com os meus amigos.	1	2	3	4	5
20. Confio nos meus amigos.	1	2	3	4	5
21. Os meus amigos respeitam os meus sentimentos.	1	2	3	4	5
22. Fico fora de mim mais frequentemente do que os meus amigos pensam.	1	2	3	4	5
23. Dá a impressão que os meus amigos estão irritados comigo sem razão.	1	2	3	4	5
24. Posso falar francamente aos meus amigos dos meus problemas e complicações.	1	2	3	4	5
25. Quando os meus amigos percebem que tenho algum problema, procuram sempre saber o que tenho.	1	2	3	4	5

Inventory of Parent and Peer Attachment (IPPA)

Authors: Gay C. Armsden, PhD and Mark T. Greenberg, PhD
Psychology Dept. – University of Washington

(Tradução: Professor Manuel Geada
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa)

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas consequências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares

Liliana Marques (e-mail: Liliana.marques22@hotmail.com) 2016

Anexo 2: Tabelas de Resultados

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas consequências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares
Liliana Marques (e-mail: Liliana.marques22@hotmail.com) 2016

1. Frequência dos AV e diferenças por gênero

Tabela 15. Frequência dos AV e diferenças por gênero

	Sim		Não		t (p)
	N	%	N	%	
Os meus pais divorciaram-se					
Masculino (n=42)	10	23,8%	32	76,2	0,090 (0,929)
Feminino (n=78)	18	21,1	60	76,9	
Um dos meus pais foi despedido					
Masculino (n=42)	6	14,3	36	85,7	0,027
Feminino (n=78)	11	14,1	67	85,9	
Um dos meus pais teve um caso extraconjugal					
Masculino (n=42)	2	4,8	40	85,7	-1,035 (0,303)
Feminino (n=78)	8	10,3	70	85,9	
Problemas no envolvimento íntimo com o namorado(a)					
Masculino (n=42)	1	2,4%	41	97,6	-0,061 (0,952)
Feminino (n=78)	2	2,6	76	97,4	
Morte de familiar próximo					
Masculino (n=42)	14	33,3	28	66,7	-0,687 (0,493)
Feminino (n=78)	31	39,7	47	60,3	
Morte de alguém significativo					
Masculino (n=42)	10	23,8	32	76,2	-0,516 (0,607)
Feminino (n=78)	22	28,2	56	71,8	
Sentir-se ridicularizado/envergonhado					
Masculino (n=42)	9	21,4	33	78,6	-0,804 (0,423)
Feminino (n=78)	31	39,7	47	60,3	
Sentir que não foi desejado(a)					
Masculino (n=42)	8	19,9	34	81,0	-0,351 (0,726)
Feminino (n=78)	17	21,8	61	78,2	
Ser vítima de negligência parental					
Masculino (n=42)	2	4,8	40	95,2	-0,365 (0,716)
Feminino (n=78)	5	6,4	73	93,6	
Ser vítima de violência física/psicológica					
Masculino (n=42)	4	9,5	38	90,5	0,099 (0,922)
Feminino (n=78)	6	9,0	71	91,0	
Ser vítima de abuso sexual					
Masculino (n=42)	0	0,0	42	100,0	
Feminino (n=78)	0	0,0	78	100,0	
Pais consomem álcool, drogas ou outras substâncias					
Masculino (n=42)	3	7,1	39	92,9	-0,344 (0,732)
Feminino (n=78)	8	9,0	71	91	
Repetir, pelo menos, um ano letivo					
Masculino (n=42)	8	19,0	34	81,0	1,350 (0,180)
Feminino (n=78)	8	10,3	70	89,7	

Os Acontecimentos de Vida na Adolescência: estudo exploratório acerca do impacto dos acontecimentos de vida na adolescência e as suas consequências na vinculação percebida relativamente aos pais e aos pares

Sofrer ruptura de relação com					
namorado					
Masculino (n=42)	9	21,4	33	78,6	-0,205 (0,838)
Feminino (n=78)	18	23,1	60	76,9	
Sofrer ruptura de relação com alguém					
importante					
Masculino (n=42)	12	28,6	30	71,4	-0,249 (0,804)
Feminino (n=78)	24	30,8	54	69,2	
Alguém da família tem problemas					
psicológicos/emocionais					
Masculino (n=42)	9	21,4	33	78,6	1,023 (0,308)
Feminino (n=78)	11	14,1	67	85,9	
Os pais têm tido mais discussões					
Masculino (n=42)	8	16,7	35	83,3	1,484 (0,141)
Feminino (n=78)	7	9,0	71	91,0	
Os pais passam muito tempo longe de					
casa					
Masculino (n=42)	6	14,3	36	85,7	1,646 (0,102)
Feminino (n=78)	5	6,4	73	93,6	